



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARCELA DE MENEZES SILVA

**AVALIANDO O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DA CRIANÇA POR MEIO
DA PSICOGÊNESE: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

JOÃO PESSOA – PB

2019

MARCELA DE MENEZES SILVA

**AVALIANDO O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DA CRIANÇA POR MEIO
DA PSICOGÊNESE: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda.

JOÃO PESSOA – PB

2019

S586a Silva, Marcela de Menezes.

Avaliando o desenvolvimento da escrita da criança por meio da psicogênese: contribuições para o processo de alfabetização / Marcela de Menezes Silva. - João Pessoa, 2019.
91 f.: il.

Orientação: Joseval dos Reis Miranda.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Psicogênese da língua escrita. 2. Alfabetização. 3. Professor alfabetizador. I. Miranda, Joseval dos Reis.
II. Título.

UFPB/BC

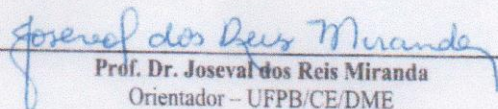
TERMO DE APROVAÇÃO

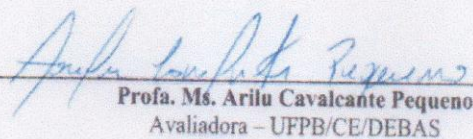
MARCELA DE MENEZES SILVA

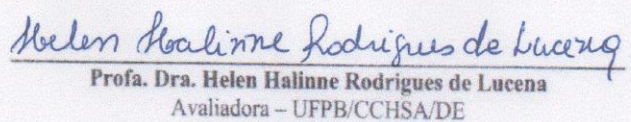
AVALIANDO O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DA CRIANÇA POR MEIO
DA PSICOGÊNESE: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO

Monografia aprovada, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia
pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda
Orientador – UFPB/CE/DME


Profa. Ms. Arilu Cavalcante Pequeno
Avaliadora – UFPB/CE/DEBAS


Profa. Dra. Helen Halinne Rodrigues de Lucena
Avaliadora – UFPB/CCHSA/DE

JOÃO PESSOA – PB
30 de setembro de 2019

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu força e discernimento para alcançar meus sonhos, a minha família em especial meus pais e a todos os professores que contribuíram para minha formação docente.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para a conclusão deste trabalho.

A Deus por todas as conquistas, que tem sido grande e bondoso para comigo e que jamais tem me abandonado.

Agradeço a meus pais, Marcos e Joelma, que sempre me ensinaram e educaram para persistir nos estudos e sonhos, e que durante a minha trajetória acadêmica estiveram sempre ao meu lado com palavras positivas.

A meu noivo, Carlos Eduardo, que sempre me trouxe palavras de motivações, de confiança, conforto, ânimo e fé nos momentos mais difíceis.

As minhas companheiras de turma, Jéssica e Nathália, que ao longo do curso se tornaram grandes amigas e que fizeram da minha trajetória na Universidade mais feliz.

A meu orientador deste trabalho, Joseval Miranda, que dispôs de seu tempo para me guiar neste estudo.

E por fim, a todos os professores que contribuíram para a minha formação docente.

[...] A minha contribuição foi encontrar uma explicação, segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa. Essa criança não pode se reduzir a um par de olhos, de ouvidos e a uma mão que pega o lápis. Ela pensa também a propósito da língua escrita e os componentes conceituais desta aprendizagem precisam ser compreendidas (FERREIRO, 1985, p.14).

SILVA, Marcela De Menezes. **Avaliando o desenvolvimento da escrita da criança por meio da psicogênese**: contribuições para o processo de alfabetização. 2019. 90p. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa-PB.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal compreender qual a contribuição da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita de crianças no processo de Alfabetização. Com os objetivos específicos procuramos: Revisar os estudos que fundamentam a Psicogênese e Alfabetização; diagnosticar os níveis que as crianças apresentam nos testes da psicogênese em uma avaliação inicial, intermediária e final; identificar as mudanças apresentadas pelos alunos durante o processo de Alfabetização e propor atividades para o professor trabalhar com a Psicogênese dos alunos no ciclo de Alfabetização. Como metodologia de pesquisa, foi priorizado o método qualitativo, por meio de estudo de caso, fazendo uso das ferramentas de observação participante, entrevista semiestruturada e testes da Psicogênese. A pesquisa foi realizada com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica e a professora da turma. Buscamos apoio teórico nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), Grossi (1990), Morais (2012), Soares (2003), e entre outros, que contribuíram para as discussões escritas neste trabalho. Os resultados desta pesquisa mostram que a Psicogênese da língua escrita contribui de forma significativa no desenvolvimento dos alunos. Observamos que a professora da turma conhece em que nível de aprendizagem cada criança se encontra, pois, realiza os ditados como forma de identificar as fases da escrita, bem como, aplica atividades que envolvem a leitura e a escrita, que vêm contribuindo para a evolução dos educandos. Diante disso, reconhecemos a importância da Psicogênese no desenvolvimento da escrita dos alunos.

Palavras-chave: Psicogênese da língua escrita. Alfabetização. Professor alfabetizador

SILVA, Marcela De Menezes. **Assessing the development of children's writing through psychogenesis**: contributions to the literacy process. 2019. 90p. Monograph (Graduation in Pedagogy). Federal University of Paraíba, Education Center, João Pessoa-PB.

ABSTRACT

The present work had as main objective to understand the contribution of Psychogenesis as an evaluative procedure in the development of children's writing in the Literacy process. With the specific objectives we want: To review the studies that underlie Psychogenesis and Literacy; diagnose the levels that children present in psychogenesis tests in an initial, intermediate and final evaluation; Identify the changes presented by the students during the Literacy process and propose activities for the teacher to work with the Psychogenesis of the students in the Literacy cycle. As a research methodology, the qualitative method was prioritized through case study, using participant observation tools, semi-structured interviews and Psychogenesis tests. The research was carried out with the 1st grade elementary school class of the Basic Education School and the class teacher. We use theoretical support in the studies of Ferreiro and Teberosky (1999), Grossi (1990), Morais (2012), Soares (2003), and others, who contributed for the discussions in this paper. The results of this research show that the Psychogenesis of written language contributes significantly in the development of students' writing. We observed that the class teacher knows at what level of learning each child is in performing the dictations as a way to identify the writing stages, as well as which works involving reading and writing have contributed to the evolution of students. Considering these aspects, we recognize the importance of Psychogenesis in the development of students' writing.

Keywords: Psychogenesis of written language. Literacy. Teacher Alphabetization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Avaliação Nacional de Alfabetização
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CE	Centro de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EEBAS	Escola de Educação Básica
GEEMPA	Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de pesquisa e Ação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
PB	Paraíba
PME	Plano Municipal de Educação
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
REI	Repositório Eletrônico Institucional
REM	Rede Estadual situada no Município
RM	Rede Municipal
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Trabalhos de Conclusão de Curso referentes aos anos de 2015 a 2019	17
Quadro 2 Censo Escolar: Quantidade de Escolas	57
Quadro 3 Número de matrículas nos anos iniciais	57
Quadro 4 Média de alunos por turma	58
Quadro 5 Quadro de Funcionários da Escola de Educação Básica	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Alfabeto de parede	28
Figura 2 Cantinho da leitura	30
Figura 3 Calendário de sala	31
Figura 4 Tabela numérica	31
Figura 5 Crachás	32
Figura 6 Mural de sala	33
Figura 7 Exposição de atividades produzidas pelos alunos	33
Figura 8 Supermercado alfabetizador	34
Figura 9 Jogo da roleta silábica	35
Figura 10 Escrita de crianças pré-silábica	37
Figura 11 Escrita de crianças silábica	38
Figura 12 Escrita de crianças silábico-alfabética	40
Figura 13 Escrita de crianças alfabética	41
Figura 14 Escrita de crianças na fase pré-silábica	42
Figura 15 Escrita de crianças na fase silábica	43
Figura 16 Escrita de crianças na fase silábico-alfabética	43
Figura 17 Escrita de crianças na fase alfabética	44
Figura 18 Escrita de crianças pré-silábico I	45
Figura 19 Escrita de crianças pré-silábica II	46
Figura 20 Escrita de crianças no nível silábico	47
Figura 21 Escrita de crianças no nível alfabético	47
Figura 22 Produção inicial do aluno A	65
Figura 23 Produção inicial da aluna B	66
Figura 24 Produção Inicial do aluno C	67
Figura 25 Produção inicial da aluna D	68
Figura 26 Produção inicial do aluno E	69
Figura 27 Segundo ditado do aluno A	70

Figura 28 Terceiro ditado do aluno A	70
Figura 29 Quarto ditado do aluno A	71
Figura 30 Segundo ditado da aluna B	71
Figura 31 Terceiro ditado da aluna B	72
Figura 32 Quarto ditado da aluna B	72
Figura 33 Segundo ditado do aluno C	73
Figura 34 Terceiro ditado do aluno C	73
Figura 35 Quarto ditado do aluno C	74
Figura 36 Segundo ditado da aluna D	75
Figura 37 Terceiro ditado da aluna D	75
Figura 38 Quarto ditado da aluna D	76
Figura 39 Segundo ditado do aluno E	76
Figura 40 Terceiro ditado do aluno E	77
Figura 41 Quarto ditado do aluno E	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 LEVANTAMENTO DE DADOS	17
3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	23
3.2 Breve histórico de Alfabetização no Brasil	23
3.2 O que é Letramento?	25
3.3 Professor alfabetizador e a organização do local de trabalho	27
4 PSICOGÊNESE	38
4.1 O que é Psicogênese?	38
4.2 Níveis da Psicogênese da escrita segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky	39
4.3 Níveis da Psicogênese da escrita segundo Artur Gomes de Moraes	41
4.4 Níveis da Psicogênese da escrita segundo Esther Pillar Grossi	44
4.5 O trabalho do professor com a Psicogênese da escrita	48
5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	50
5.1 Abordagem da Pesquisa	50
5.2 Trabalho de Campo	51
5.3 Instrumentos de Geração de Dados	52
5.3.1 <i>Entrevista Semiestruturada</i>	52
5.3.2 <i>Observação Participante</i>	53
5.3.3 <i>Testes da Psicogênese</i>	54
5.4 Local da Pesquisa	55
5.4.1 <i>Município</i>	55
5.4.2 <i>A escola</i>	57
5.5 Participantes da Pesquisa	59
5.6 Análise de Dados	59
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS EMANADOS DA PESQUISA	61
6.1 Conhecendo os participantes da pesquisa	61
6.2 Diagnosticando os níveis da Psicogênese das crianças	64
6.3 Mudanças apresentadas no processo de Alfabetização	69

6.4 Possibilidades de atividades para o trabalho com a Psicogênese no Ciclo de Alfabetização	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	89
APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	90
APÊNDICE C – BREVE CURRÍCULO DA AUTORA	91

1 INTRODUÇÃO

A referente pesquisa surgiu a partir de um trabalho desenvolvido como obtenção de nota referente à disciplina de Organização e Prática do Ensino Fundamental, em que tivemos que realizar um ditado psicogenético, na turma que estávamos fazendo Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Durante a disciplina, realizamos o ditado Psicogenético com todos os alunos da turma, em seguida analisamos em que nível de aprendizagem segundo Esther Pillar Grossi (1990) cada aluno se encontrava, para então, pensar em sugestões de atividades que fizessem os alunos referentes em cada etapa se desenvolver.

O tema nos chamou atenção e curiosidade por ser algo de suma importância, pois, por meio da psicogênese da língua escrita, o educador consegue identificar os níveis de aprendizagens de seus educandos e desenvolver práticas e atividades que possam auxiliar esses alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Pensar em formas de alfabetizar é pensar na maneira de aprendizagem pela qual a criança adquire a língua escrita. Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) na década de 1980 trouxeram à tona os processos em que a criança passa, até atingir a etapa da alfabetização. Tendo como base a teoria Piagetiana de que a aquisição do conhecimento deve se basear pela atividade da criança mediante ao objeto de estudo. Ferreiro e Teberosky (1999) dividiram a etapa de aquisição da escrita alfabética em fases. Para o professor, é importante conhecer essas etapas para alfabetizar seus alunos, é de grande relevância ter o conhecimento acerca dessas fases de modo que ele venha conhecer melhor seu aluno.

A teoria da Psicogênese da escrita revolucionou os debates acerca da alfabetização, quando Ferreiro e Teberosky (1999), descobriram em sua pesquisa que antes mesmo de adentrar a escola as crianças já pensam sobre a escrita, que podem ser representadas por rabiscos, desenhos e ente outros.

A apropriação da língua escrita se trata de um processo complexo e que requer certo tempo, envolve a compreensão dos signos ortográficos, bem como a função social da escrita.

Desse modo, nossa pesquisa tem como objetivo geral, compreender qual a contribuição da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita de crianças no processo de Alfabetização.

Com este trabalho, pretendemos descobrir, qual a contribuição da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita de crianças no processo de Alfabetização?

Para delinear mais a problemática de pesquisa, tivemos as seguintes questões:

- Como tem se apresentado os estudos sobre a Psicogênese e Alfabetização?
- Quais os níveis que as crianças apresentam nos testes da psicogênese em uma avaliação inicial, intermediária e final?
- Quais as mudanças apresentadas pelos alunos durante o processo de Alfabetização?
- Como o professor pode trabalhar com a Psicogênese dos alunos no ciclo de Alfabetização?

A partir de tais questões, tivemos os seguintes objetivos específicos:

- Revisar os estudos que fundamentam a Psicogênese e Alfabetização.
- Diagnosticar os níveis que as crianças apresentam nos testes da psicogênese em uma avaliação inicial, intermediária e final.
- Identificar as mudanças apresentadas pelos alunos durante o processo de Alfabetização.
- Propor atividades para o professor trabalhar com a Psicogênese dos alunos no ciclo de Alfabetização.

Essa investigação surge a partir da concepção de que por meio de avaliações da Psicogênese da Língua Escrita, o educador consegue desenvolver melhor nos alunos atividades que contribuam em seu processo de alfabetização e letramento.

Para isso, nosso trabalho de Conclusão de Curso apresenta inicialmente um levantamento do que se tem apresentado de trabalhos de conclusão de curso acerca da nossa temática. Em seguida está o nosso referencial teórico organizado em dois capítulos: Alfabetização e Psicogênese. Posteriormente, apresentamos os procedimentos metodológicos, seguidamente, expomos os dados emanados da pesquisa. E, finalmente, estão as considerações finais obtidas neste trabalho.

Tenham todos e todas uma boa leitura!

2 LEVANTAMENTO DE DADOS

Para nós como pesquisadores é importante reconhecer a relevância de uma busca acerca do que já foi pesquisado por outras pessoas do que estamos pesquisando, a fim de ampliar nossos conhecimentos acerca da temática abordada.

Para a busca desses conhecimentos, utilizamos a base de dados do Repositório Eletrônico Institucional (REI) da universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde estão disponibilizados os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Dissertação de Mestrado e Teses de doutorado.

Procuramos, no entanto por Trabalhos de Conclusão de Curso dos últimos cinco anos, do Centro de Educação (CE), referentes aos cursos de Pedagogia, Pedagogia (Virtual) e Psicopedagogia, com o a temática voltada para as palavras: escrita, psicogênese e alfabetização. Achamos vinte e cinco TCCs, sendo, três do ano de 2015, três do ano de 2016, dez do ano de 2017, oito do ano de 2018 e por fim, um do ano de 2019.

Quadro 1: Trabalho de Conclusão de Curso referentes aos anos de 2015 a 2019.

Assunto: Psicogênese; Escrita; Alfabetização			
Ano	Título	Autor	Objetivo Geral
2015	A contribuição do lúdico no processo de alfabetização infantil	Carvalho (2015)	Compreender como o uso da ludicidade pode ser ferramenta pedagógica no 1º ano do ensino fundamental.
	Escrever, para quê? A importância da escrita para alunos de educação de jovens e adultos	Silva (2015)	Investigar como é desenvolvido o trabalho com a escrita em turmas de Educação de Jovens e Adultos/EJA, em uma escola pública de João Pessoa, como também fazer um levantamento sobre como o que é produzido em sala de aula, através da escrita, circula e com que finalidade.
	Aprendizagem na	Alves	Avaliar a percepção dos professores acerca

	percepção dos professores do ensino fundamental	(2015)	do processo de aprendizagem.
2016	A influência do ambiente letrado no processo de alfabetização	Santos (2016)	Investigar as influências que ocorrem no aprendizado de alunos que vivem em ambiente letrado.
	A importância da leitura e escrita na perspectiva da alfabetização e do letramento	Sousa (2016)	Realizar um estudo bibliográfico documental acerca da leitura e escrita em terreno brasileiro, bem como em alguns países latino-americanos.
	A leitura e seus métodos de ensino	Canuto (2016)	Analisar a percepção dos professores da rede escolar municipal de João Pessoa acerca dos métodos de leitura que são utilizados para o desenvolvimento dos aprendentes.
	O trabalho docente com a psicogênese da língua escrita no ciclo de alfabetização	Maciel (2017)	Compreender como os professores desenvolvem por meio da psicogênese da língua escrita no ciclo de alfabetização, a organização do seu trabalho pedagógico.
	O ciclo de alfabetização na educação do campo, as práticas de leitura e escrita proposta pelo PNAIC e suas contribuições para educação do campo	Holanda (2017)	Analisar as propostas de leitura e escrita apresentadas pelo PNAIC e suas contribuições para o ciclo de alfabetização na educação do campo.
	O uso dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento no ciclo de	Silva (2017)	Compreender como as professoras na organização do seu trabalho pedagógico utilizam os gêneros textuais nos ciclos de alfabetização no processo de alfabetização

2017

alfabetização		e letramento.
Gêneros textuais e apropriação da escrita: uma proposta para o primeiro ano do ensino fundamental	Santos (2017)	Apresentar uma proposta de intervenção através de sequências didáticas para o primeiro ano do ensino fundamental, direcionada aos gêneros textuais como subsídio para a apropriação da escrita.
O processo de alfabetização em uma sala multisseriada na Escola Municipal João Lins Vieira	Barbosa (2017)	Estudar como se dá o processo de alfabetização numa sala multisseriada na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Lins Vieira, localizada no município de São Miguel de Taipu- PB.
Leitura: o que dizem Paulo Freire e Emília Ferreira	Cavalcanti (2017)	Trazer reflexões acerca do método de leitura e escrita na educação básica, no contexto do processo de ensino e aprendizagem.
O planejamento no ciclo de alfabetização: dos desafios às possibilidades	Dantas (2017)	Compreender como o professor no ciclo de alfabetização organiza e desenvolve a sua aula tendo base no planejamento construído.
A importância da leitura para o desenvolvimento do hábito leitor	Sousa (2017)	Descobrir, entre os muitos métodos utilizados atualmente, qual deles é o que melhor se adapta à realidade social dos alunos e quais os estimularão de forma efetiva.
O ensino de leitura: perspectivas do letramento nos anos iniciais do ensino fundamental	Leite (2017)	Analisar que fatores motivam o processo de construção da aprendizagem dos alunos/as em relação à leitura e a escrita na sala de aula.

	Práticas de leitura e escrita nas séries iniciais	Bulhões (2017)	Discutir a importância de ascender o gosto pela leitura, diante dos fatores essenciais para o desenvolvimento da leitura e escrita nas séries iniciais.
2018	O processo de aquisição da leitura e escrita na alfabetização: relato e análise de algumas experiências	Ramalho (2018)	Analisar o processo de aquisição de leitura e da escrita por crianças em fase de alfabetização.
	A prática docente e sua contribuição no processo de alfabetização e letramento	Santos (2018)	Analisar a prática docente no processo de alfabetização e letramento, utilizando como campo de pesquisa uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Várzea – PB.
	Concepções de leitura e escrita no ensino fundamental (ciclos de alfabetização): análise de práticas em uma escola pública do município de Sapé-PB.	Silva (2018)	Conhecer os fatores que dificultam e os que contribuem para o processo de aquisição da leitura e escrita nas turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental e também refletir sobre a necessidade dos alunos com o universo da leitura e escrita como meio de formação intelectual e social.
	Os desafios do professor alfabetizador nos anos iniciais na perspectiva do alfabetizador/letrador.	Silva (2018)	Identificar as dificuldades encontradas pelos docentes no processo do alfabetizar/letrando e ao mesmo tempo fazer uma análise acerca dos conceitos de alfabetização, letramento e estratégias de ensino utilizadas.
	Heterogeneidade de conhecimentos em turmas de alfabetização	Sousa (2018)	Compreender a concepção das docentes investigadas sobre a heterogeneidade de conhecimentos como elemento imprescindível a aprendizagem nas turmas da alfabetização.

	A psicopedagogia interventiva em um estudo de caso sobre dificuldade em leitura e escrita	Barreto (2018)	Analisar o desenvolvimento na intervenção da dificuldade apresentada em leitura e escrita.
	Dificuldades de Aprendizagem em Escolas do Campo	Ramalho (2018)	Identificar as dificuldades de aprendizagem encontradas nas escolas do campo.
	Déficit de aprendizado nos primeiros anos do ensino fundamental: as dificuldades de aprendizagem na leitura de alunos nas escolas do campo	Batista (2018)	Identificar as possíveis e eventuais repercussões da questão no contexto da educação oferecida às populações que vivem nas áreas do campo.
2019	Educação do campo e suas experiências: um estudo sobre o município de Pitimbu – PB no primeiro semestre de 2019	Silva (2019)	Analisar a trajetória documental e empírica da Educação do Campo do Município.

Fonte: Repositório Eletrônico Institucional REI - UFPB

Houve um grande aumento de TCCs relacionado à escrita, alfabetização e Psicogênese no ano de 2017 em detrimento dos anteriores, dentro dos trabalhos citados, apenas um se aproximou mais da nossa temática. O referido trabalho que tem por título: O trabalho docente com a psicogênese da língua escrita no ciclo de alfabetização, realizado por Maciel (2017).

Este trabalho teve como objetivo compreender como os professores desenvolvem por meio da psicogênese da língua escrita no ciclo de alfabetização a organização do seu trabalho pedagógico. Teve como resultado que as professoras não costumam se utilizarem da

psicogênese com frequência como deveria ser feito, que deveriam privilegiar os cursos de formação continuada como fonte de acesso a conteúdos que facilitem seu trabalho em sala de aula. E que se faz necessário o trabalho com a Psicogênese da escrita, partindo do trabalho do professor para que alunos alcancem autonomia.

Com base nas pesquisas realizadas no REI – UFPB, pudemos observar que não há muitos trabalhos voltados à temática da psicogênese como procedimento avaliativo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, alguns até citam no corpo do texto, mas, com o título só encontramos uma monografia.

Entretanto, inferimos que é uma temática relevante, pois, esse estudo é um importante facilitador para professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. Mediante a isso, julgamos que são necessários maiores estudos que abordem esta temática. Bem como, tratar da etapa de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A etapa de alfabetização é uma das principais etapas no desenvolvimento da criança, pois, é nela que é dado o pontapé inicial que permite a participação do aluno na construção de novas aprendizagens. Neste capítulo, falaremos acerca dos conceitos de alfabetização e letramento, além de um breve histórico de alfabetização no Brasil, bem como o trabalho do professor alfabetizador e sua importância no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

3.1 Breve histórico de Alfabetização no Brasil

No século XIX, já havia no Brasil práticas relacionadas à alfabetização, nesta época saber ler era sinal de grande prestígio social, segundo Morais (2012), alfabetizar era sinônimo de civilizar, disciplinar, iluminar uma sociedade teológica e elevando-a. Entre 1880 e 1920 no Brasil foi palco de disputas de teóricos e pesquisadores do âmbito da alfabetização acerca dos métodos, uns acreditavam no método sintético de alfabetização, já outros preferiam acreditar no método analítico.

O método sintético parte de três correntes: alfabéticos, silábicos e fônicos. “Eles pressupõem que o aprendiz deve partir de unidades menores (letras, sílabas ou fonemas)” (MORAIS, 2012). Neste método inicia com atividades repetitivas de unidades mínimas, para depois avançar para maiores unidades.

Já o método analítico, é o inverso do método sintético, ele parte de unidades maiores, como por exemplo, textos, para depois ir compreender unidades menores, os defensores deste método alegam que antes das crianças observarem os detalhes, ela avista o todo. De acordo com as autoras Ferreiro e Teberosky (1999) “O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre a língua oral e a língua escrita, entre o som e a grafia. (...) Para os defensores do método analítico, (...) a leitura é um ato global.

Na década de 1970, houve uma modificação. As perguntas que os especialistas faziam foram mudadas, começa-se a pensar em como as crianças estão se alfabetizando e não mais no porque não estão se alfabetizando e como os alunos estão aprendendo a ler e a escrever.

Esse processo de transformação se deu com base nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, intitulado de *Psicogênese da Língua escrita* (1985). Com isso, foi revisto as concepções voltadas à área de alfabetização. Segundo Ferreiro (1996):

As mudanças necessárias para enfrentar sobre bases novas a alfabetização inicial não se resolvem com um novo método de ensino, nem com novos testes de prontidão nem com novos materiais didáticos. É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua da escrita: é preciso reintroduzir quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: reduzimos esse ser em formação a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu (FERREIRO, 1996, p. 40-41).

Em linhas gerais, o processo de aquisição da leitura e escrita são os mesmos, tanto para crianças de classes sociais menos favorecidas, quanto para crianças de famílias com maior poder aquisitivo, o que vai mudar são os estímulos que elas recebem. Mas o que é alfabetização?

De acordo com o dicionário Aurélio é a ação de alfabetizar e alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever, já o analfabetismo se trata do estado ou condição de analfabeto, e analfabeto é a pessoa que não conhece o alfabeto, ou seja, que não sabe ler e escrever.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2017),

Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Como destacam as DCN, a maior desenvoltura e a maior autonomia nos movimentos e deslocamentos ampliam suas interações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela; a afirmação de sua identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças (BRASIL, 2017 p. 54).

Sendo assim, a escola é responsável por realizar um trabalho que garanta a alfabetização dos alunos, para que compreendam o processo de aquisição da escrita, bem como, práticas diversas de letramento.

No Brasil, a questão da alfabetização ainda é considerada um problema, de acordo com os resultados do exame ANA (Avaliação Nacional de Alfabetização), revela que 54,73% dos estudantes acima dos oito anos, faixa etária de 90% dos avaliados, permanecem em níveis insuficientes de leitura. (BRASIL, INEP, 2017).

Para lidar com estas especificidades, Magda Soares (2003) defende a “reinvenção” da alfabetização, trabalhando com a Psicogênese da Língua Escrita estabelecendo práticas de alfabetização na concepção do letramento. A seguir, veremos o que se trata o letramento.

3.2 O que é letramento?

Ultimamente muito se fala da palavra letramento. Ela é uma palavra considerada “nova” na qual começo a ser utilizada na década de 1980 com os estudos de Kato (1986), a palavra surgiu de uma necessidade de algo além da alfabetização. Neste tópico, falaremos sobre o conceito da palavra letramento, bem como, o seu surgimento.

Segundo Cabral (1998) letramento é o uso funcional de habilidades de sistemas convencionais que permitem a compreensão e a produção de textos escritos verbalmente codificados e dependentes da língua oral.

Conforme relatado acima, o sujeito para ser considerado letrado, não basta apenas saber “ler e escrever”, deve-se utilizar-se da leitura e escrita em seu cotidiano, seja para ler uma receita culinária, ler histórias, e usar a escrita para se comunicar no dia-a-dia.

Temos então a diferença, enquanto a alfabetização se trata do aprender a ler e a escrever, o letramento é quando se põe em prática, quando se usa a leitura e escrita envolvendo-se em práticas de leitura por meios de jornais, revistas, que enviam mensagens ou cartas a outras pessoas e entre outros.

A palavra letramento como já citada, é uma palavra considerada nova, ouviu-se pela primeira vez em 1986 no livro: No mundo da escrita uma perspectiva psicolinguística de Mary Kato. Dois anos após a publicação desse livro Leda Verdiani Tfouni (1988), distingue alfabetização de letramento em seu livro: Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso e deste então a palavra letramento se tornou cada vez mais frequente no discurso de especialistas (SOARES, 2001).

Uma pessoa letrada, ela consegue com mais facilidade se inserir na sociedade, mudando sua relação com o outro, essa pessoa passa a pensar de uma forma diferente de uma pessoa analfabeta ou iletrada, letramento é prazer, é lazer, é estar bem informado do que nos cerca.

Nos dias atuais com o avanço tecnológico, as pessoas tendem a estarem letradas, muitas tendo contato constante com redes sociais. Uma pessoa não alfabetizada pode ser considerada letrada pelo fato de se utilizar-se da escrita, seja pedindo a alguém para redigir algo, mesmo não sabendo escrever, conhece as aplicações do sistema de escrita.

De acordo com Ferreira (2017, p. 20) “O educador deve procurar alfabetizar os alunos na perspectiva do letramento, para que estes tenham a oportunidade de se apropriar da leitura e não somente apenas saber ler e escrever”.

Muitas crianças em seu dia a dia estão em contato com o sistema alfabético, quando veem televisão, desenhos com legendas, mensagens em cartazes nas ruas, elas não chegam às escolas sem uma ideia do que seria o sistema notacional de escrita alfabética. Para tanto, Soares (1993) diz que “é preciso alfabetizar letrando”. Assim, o documento do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (2012) afirma:

Nessa perspectiva, defendemos que as crianças possam vivenciar, desde cedo, atividades que as levem a pensar sobre as características do nosso sistema de escrita, de forma reflexiva, lúdica, inseridas em atividades de leitura e escrita de diferentes textos. É importante considerar, no entanto, que a apropriação da escrita alfabética não significa que o sujeito esteja alfabetizado. Essa é uma aprendizagem fundamental, mas para que os indivíduos possam ler e produzir textos com autonomia é necessário que eles consolidem as correspondências grafofônicas, ao mesmo tempo em que vivenciem atividades de leitura e produção de textos (BRASIL, 2012a, p. 22).

Uma criança que alcança o nível de escrita alfabética, ainda precisa superar diversos desafios na escrita de palavras que não são tão usuais e mais difíceis de serem vistas em um texto ou frase.

O professor precisa fazer com que o aluno desperte o interesse pela leitura e escrita, por tanto, precisa-se planejar tendo como base os quatro eixos do Componente de língua Portuguesa no Caderno do Pnaic - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, onde trata do ciclo de alfabetização que envolve os três primeiros anos do ensino fundamental: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística.

Compreendemos a necessidade desse planejamento por entendermos que uma pessoa alfabetizada na perspectiva do letramento é considerada um cidadão ativo, crítico e participativo em nossa sociedade, na medida em que ele garante sua autonomia ao utilizar-se de práticas que envolvam leitura e escrita até no simples ato de pegar um ônibus lendo seu letreiro, ler placas e entre outras atividades recorrentes do dia a dia.

Diante disso, o papel do professor é de suma importância, para a garantia de uma educação na perspectiva da alfabetização e do letramento, na garantia de autonomia da criança.

3.3 Professor alfabetizador e a organização do local de trabalho

Alfabetizar um aluno exige um trabalho minucioso por parte da escola e, sobretudo do professor, quando a criança está sendo alfabetizada ela passa por mudanças, dentre elas a conquista de maior autonomia educativa. Neste tópico, falaremos sobre o trabalho deste ator tão importante neste processo que é o professor, bem como, falaremos sobre o planejamento e avaliação nesta etapa de alfabetização.

Segundo Souza (2014, p. 165):

O professor alfabetizador é aquele que faz escolhas, decisões, seleciona recursos didáticos, faz reflexões sobre sua prática e é um dos artífices que constroem o currículo. Planeja, propõe e coordena atividades significativas e desafiadoras, constitui sua prática com procedimentos rotineiros e inovadores. (SOUZA, 2014, p. 165)

Assim, o professor desempenha um importante papel no planejamento de ações que propiciem aprendizagens. Para isso, ele deve ser ativo e reflexivo, estar sempre em busca de novos conhecimentos, além de se questionar e auto avaliar sua prática pedagógica, a fim de buscar uma melhor qualidade em seu método de ensino.

Mediante a isto Souza *apud* Brasil (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) (2014, p. 166) afirma:

Nessa discussão, resgatamos os três elementos enfatizados por Zeichner (*op. cit.*) como pré-requisitos para uma prática reflexiva: percepção de novas alternativas à sua prática, sem ficar preso a preconceitos que promovem a redução de sua ação; aceitação da possibilidade do erro como um dos caminhos para aprender; responsabilidade, concebida mais como um traço moral do que um recurso intelectual, e ponderação quanto às consequências do ato de ensinar; sinceridade, em dedicação, porém com atenção para que não se confunda prática reflexiva com subserviência. Nesse sentido, concebemos o professor do ciclo de alfabetização como um profissional reflexivo que constrói um trabalho docente como prática social (SOUZA, 2014, p. 166 *Apud* BRASIL, 2012x, p. 21).

O trabalho do professor é, portanto, o de atuar de maneira ativa e reflexiva na vida dos alunos como relatado, por isso, ele deve estar sempre em busca de formação além de conhecer seu aluno. A escola também exerce papel de fundamental importância nesse aprendizado, pois, ela é responsável pela oferta de materiais para obter um ambiente alfabetizador. Segundo Ferreira (2010):

Para que a Educação Básica consiga cumprir com o seu papel, não pode ignorar as experiências que a criança possui com a leitura e a escrita antes mesmo do seu ingresso na escola. Cabe a instituição escolar, possibilitar a criança o contato com os mais diferentes materiais, proporcionando um ambiente rico em escritas diversas,

oferecendo a elas ocasiões para aprender com significado (FERREIRO, 2010, p. 98-99).

A escola precisa oferecer um ambiente rico em aprendizagens, pois o ambiente é um importante facilitador no processo de alfabetização dos educandos, nesta etapa de aprendizagem da leitura e escrita, facilita a aprendizagem se esse ambiente possuir itens que chamem atenção dos alunos, com matérias acessíveis onde as crianças possam ter contato. A seguir, traremos alguns elementos para contribuir no ambiente alfabetizador.

A escola deve ser um espaço educativo que propicie situações educativas estimulantes, criativas e seguras para que os alunos se mobilizem a estudar, tenham gosto por esse ambiente e os professores devem ser preparados para criar oportunidades aos alunos de vivenciarem neste espaço acontecimentos lúdicos de aprendizagens.

Uma sala de aula rica em materiais e cores chama bastante atenção. Um dos itens que vemos em muitas salas de aula é o alfabeto que fica na parede, ele é importante, pois, nesta fase a criança pode conhecer as letras do Sistema Alfabético e sua sequência, além de esclarecer algumas dúvidas da escrita dessas letras.

O mesmo deve ficar em uma parte visível da sala de aula, ser grande de fácil visão e de preferência ser colorido e ficar acima do quadro para chamar atenção, dependendo da série escolar o professor podem optar pela escrita desse alfabeto com letra bastão ou cursiva e há ainda os que vêm com as duas formas de escrita.

Figura 1 – Alfabeto de parede



Fonte: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1446/como-dizer-ao-professor-que-algo-precisa-mudar-na-sala-de-aula>

Este item auxilia bastante os alunos que estão dando os primeiros passos pelo universo da escrita, e o professor também poderá utilizar-se do mesmo com atividades, como por exemplo, usando até a escrita do nome das crianças.

Outro item bem comum em salas de alfabetização é o cantinho da leitura, que se trata de um espaço na sala de aula com livros de literatura infantil, no qual a criança pode pegar para darem seus passos na leitura. Este espaço, geralmente varia de acordo com o tamanho de cada aluno, os livros devem estar dispostos em lugares ou mobiliários onde as crianças consigam alcançar e serem de fácil acesso.

Estes livros e matérias que ficam no chamado cantinho da leitura, normalmente são da escolha do professor ou podendo ser também sugestão de responsáveis dos alunos, ou determinado pela biblioteca da escola com uma espécie de rodizio desses livros nas salas de aula.

Essa atividade pode ser utilizada individualmente pelo aluno, quando ao acabar alguma atividade passada pelo professor, utilizar o tempo livro no cantinho da leitura, podem também levar para casa para ler acompanhado dos responsáveis, ou até mesmo o professor pode desenvolver atividades neste cantinho, com contação de histórias para as crianças.

Segundo Cosson e Souza, (2018 p. 7):

Fisicamente, o cantinho da leitura é composto com os livros dispostos em estantes, caixas e/ou baús – daí derivando as distintas denominações – na própria sala de aula para leitura individualizada dos alunos. Quanto menores são os alunos, mais bem elaborado é este espaço, podendo ir de almofadas com tapetes, confortáveis divãs, iluminação especial e itens diversos de decoração nas salas da Educação Infantil, até uma simples caixa deixada em um canto da sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental. (COSSON E SOUZA, 2018, p. 7)

Na Figura 2 veremos um exemplo de organização de espaço do cantinho da leitura em uma sala de aula.

Figura 2 – Cantinho da leitura



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/20261598>

Outro importante item na sala de aula de alfabetização é o calendário, que contém o mês, ano e dias da semana, pois esse ajuda as crianças a saberem e entenderem um pouco sobre a passagem de tempo e espaço, além da organização da rotina escolar.

Com ele, a criança pode compreender o conceito de ontem, amanhã, e entre outros, além de saber feriados. O professor pode chamar um aluno por dia na acolhida para marcar o calendário naquele dia, então, o mesmo deve ficar em um lugar acessível no alcance dos alunos, ao realizar esta atividade o professor pode questionar os alunos com perguntas como: em que ano estamos? Qual o mês? Dia da semana? Ontem foi que dia? Amanhã será que dia? Quantos dias faltam para tal mês? Quantos dias faltam para o final de semana? E entre outras. Tornando este momento participativo.

No calendário da sala também pode colocar ao lado o dia do aniversariante da semana, o professor pode pedir para que o aluno vá até a frente e marque no calendário a data de seu aniversário para que não se esqueçam de dar os parabéns ao aluno. Na figura 3 veremos um exemplo de calendário feito pelo professor para se usar em sala de aula.

Figura 3 – Calendário de sala



Fonte: <https://pedagogiaopedaleta.com/ideias-de-calendarios-para-sala-de-aula/>

Outro instrumento bastante comum em uma sala de alfabetização é a tabela numérica, nela o professor pode colocar números em uma sequência, podendo ser do 0 a 100. Com ela o aluno pode tirar dúvidas acerca da escrita de números, ou até mesmo do número que vem antes ou após determinado número, facilitando nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Este item bem como os outros, deve ficar em um lugar de fácil visualização do aluno para que elas possam consultá-lo sempre que for necessário. Abaixo da figura 4 veremos um exemplo de tabela numérica de números que vão do 1 ao 100.

Figura 4 – Tabela numérica



Fonte: <https://www.elo7.com.br/painel-tabela-numerica-smurfs/dp/31A17B>

O próximo item, diferente dos demais, não fica na parede da sala de aula e sim na mesa de cada aluno, se trata dos crachás com o nome de cada aluno presente, este material, além de servir para identificar cada aluno em sua mesa, também é importante no processo de alfabetização, pois, através dele o professor pode desenvolver diversas atividades.

Alguns alunos chegam no 1º ano sem ainda saber escrever seu nome, o crachá em cima da mesa o ajuda nesta atividade, além disso, ele também ajuda no processo de leitura, o professor pode pedir para que a cada dia um aluno seja o responsável pela entrega dos crachás para os colegas como nesta fase as crianças gostam de participar e ajudar, eles buscam saber a escrita do nome dos colegas para conseguir desempenhar essa função.

Outra atividade que se pode pensar com os crachás, é embaralhar todos e pedir para que cada aluno identifique o seu, além de atividade que envolve escritas de outras palavras com a mesma inicial de seu nome e entre outras.

Na figura 5 veremos um exemplo de crachá de mesa, há crachás de diversos tipos, alguns com apenas o primeiro nome da criança, outras com o nome completo, o professor pode variar esse crachá dependendo do nível das crianças, mudando também da letra bastão para a letra cursiva.

Figura 5 – Crachás



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/3423/10-ideias-para-potencializar-o-ambiente-de-sua-sala-de-aula>

Alguns desses itens citados acima costumam ficar em um mural grande ao lado do quadro, nele contém avisos, combinados, o calendário e cartazes, como veremos no exemplo da figura 6.

Figura 6 – Mural de sala



Fonte: <http://www.coisasdaprofessoraraquel.com/2012/09/sugestao-de-mural.html>

Nas salas de alfabetização também é comum encontrarmos um mural central onde nele ficam expostas as atividades realizadas pelos alunos, sejam atividades de pintura ou não, pois, durante o ano os alunos estão em constante produção em todas as disciplinas estudadas.

A exposição destas atividades é importante para o corpo docente e a supervisão escolar saber o que está sendo feito e produzido em sala de aula, além disso, os alunos se sentem valorizados ao ver seu trabalho sendo admirado por outras pessoas com o reconhecimento de um trabalho bem orientado.

É importante também, que haja uma rotatividade de matérias expostos, para não ficar sempre a mesma atividade por meses, na figura 7 veremos um exemplo de quadro com atividades de desenho e pintura produzidas pelos alunos.

Figura 7 – Exposição de atividades produzidas pelos alunos



Fonte: <https://rio.colegiologosofico.com.br/noticias/22721/familias-da-unidade-rio-de-janeiro-se-encontram-em-exposicao-organizada-pelos-alunos>

Na sala de aula, o professor alfabetizador tem a liberdade de criar e reinventar dinâmicas e atividades com o lúdico sejam com cores, sons, ritmos, traços, imagens, desenhos e entre outros, uma proposta que vem ganhando espaço nas salas de alfabetização se trata do supermercado alfabetizador.

Essa atividade é realizada em colaboração com o professor, alunos e família, o professor pede para que os alunos levem embalagens de produtos que contem em um supermercado, como enlatados, laticínios, produtos de limpeza e higiene pessoal, biscoitos e cereais e entre outros.

Com esta atividade, podem-se trabalhar as diversas áreas do conhecimento. Em Geografia, o professor pode utilizar-se da região a qual aquele produto é comum; em Matemática, pode-se trabalhar com os preços dos produtos do supermercado com o sistema monetário; em História, a origem do produto, e em Língua Portuguesa a escrita dos produtos, as embalagens e entre outros.

Segundo Moreira, Vicente e Maraschin (2017):

Ao concebermos a sala de aula como um espaço vivo e de vida, também a concebemos marcada pela necessidade de que este espaço seja reconhecido pelas possibilidades que traduzem, no seu interior, um recorte do que vem a ser o mundo das linguagens no qual as crianças estão inseridas. (MOREIRA; VICENTE; MARASCHIN, 2017, p. 11).

Na figura 8, veremos um exemplo de supermercado alfabetizador em uma sala de aula, dividido nas mesas de acordo com o tipo de produto.

Figura 8 – Supermercado alfabetizador



Outra estratégia de ensino que o professor pode obter em seu ambiente alfabetizador é a utilização de jogos e matérias que propiciem aprendizagens, ele pode construir caso não tenha os recursos na escola, como é o caso do jogo da roleta silábica representado na figura 9.

Figura 9 – Jogo da Roleta silábica



Fonte: <https://www.japira.pr.gov.br/professores-municipais-realizam-oficina-de-confeccao-de-jogos-educativos/>

Em síntese “O ambiente alfabetizador vai além de um único ambiente (sala de aula) /, vai além dos materiais utilizados e além da concepção física do ambiente, ou seja, refere-se também às interações físicas e sociais que o sujeito desencadeia ao estar nele inserido. O foco a definição do ambiente alfabetizador, está em ser ‘ambiente’ propício a construções sociocognitivas que possibilitam aos sujeitos novas leituras de si e do mundo.” (MOREIRA; VICENTE; MARASCHIN *apud* FERRONATO, 2017, p. 16).

O planejamento é importante em todas as áreas de nossa vida, planejamos nossos futuros atos seja no âmbito profissional como pessoal, se você pretende realizar algo você planeja suas ações, planejar é de certo modo, uma forma de estabelecer metas para se chegar a algo e alcançar objetivos, prevendo as possíveis dificuldades que serão encontradas neste percurso e criar novas possibilidades. Mediante a isso, Vasconcelos (2000) afirma:

O planejamento enquanto construção-transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo (VASCONCELLOS, 2000, p. 79).

Sendo assim, o planejamento antes da tomada de decisões pode ser uma forma até de se precaver e saber como agir se algo não vir a sair como esperado. Em sala de aula não é diferente, o professor precisa planejar a fim de obter resultados satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos.

O planejamento de ensino busca atender as demandas dos alunos, identificando as possíveis dificuldades para assim pensar em objetivos para ações que serão realizadas, estipulando os procedimentos que serão feitos, os recursos que serão utilizados e a avaliação para observar se o aluno está de fato compreendendo o assunto dado. Segundo Libâneo (2013):

O plano de ensino é um roteiro organizado das unidades didáticas para um ano ou semestre. É denominado também plano de curso ou plano de unidades didáticas e contém os seguintes componentes: justificativa da disciplina em relação aos objetivos da escola; objetivos gerais; objetivos específicos, conteúdo (com a divisão temática de cada unidade); tempo provável e desenvolvimento metodológico (atividades do professor e dos alunos) (LIBÂNEO, 2013, p. 257).

Diante do exposto, o planejamento possibilita o desenrolar das práticas pedagógicas que serão realizadas no ano, ou no semestre. Este planejamento ocorre em longo prazo. Diferente do planejamento de ensino, há também o plano de aula, que é um planejamento em curto prazo, o professor planeja suas aulas com mais detalhes, tendo um roteiro em mente de tudo que precisará fazer para ter segurança em sala de aula, além de buscar domínio do conteúdo a ser passado aos alunos.

Uma das principais etapas do planejamento é a avaliação, e aí surgem muitas dúvidas por parte de professores acerca de “como avaliar meus alunos?”, segundo Fernandes e Freitas (2011, p. 132) “A avaliação de percursos de aprendizagem dos alunos no contexto das salas de aula só tem significado se estiver fortemente ligada com a aprendizagem e com o ensino”.

A avaliação não existe de maneira separada no cotidiano escolar. Ela faz parte da articulação no ensino, além de proporcionar ao professor o conhecimento acerca da aprendizagem de cada aluno.

Segundo Fernandes (2013, p. 10):

Avaliação em educação envolve três níveis que se inter-relacionam: (1) um nível micro, ou seja, da sala de aula, pois pode referir-se à avaliação da aprendizagem dos estudantes ou à avaliação dos projetos desenvolvidos pelos professores com suas turmas; (2) um nível meso, ou seja, da escola, pois pode referir-se à avaliação da instituição, a partir da avaliação do Projeto Político Pedagógico e, por fim; (3) um nível macro, ou seja, das redes de ensino, seja em nível municipal, estadual ou federal. Trata-se das avaliações de sistemas educacionais, como, por exemplo, a prova Brasil, Provinha Brasil, e etc. (FERNANDES, 2013, p. 10).

É importante saber que avaliar não se trata de corrigir, aplicar provas ou atribuir notas, avaliar envolver mais que isso, avaliar por meio de provas apenas é desestimulante, pois não gera motivação, além de fazer comparações entre os alunos por meio dos resultados.

Avaliar é refletir, analisar, mudar situações, tomar decisões e conhecer o aluno, para tanto, a avaliação precisa ser processual, continua permanente. O professor avalia a aprendizagem e não o aluno.

“É importante também, pontuar que a avaliação deve ser compreendida como mais um ingrediente dos processos de aprendizagem e não como uma etapa final de um percurso. Avaliar é parte integrante do ensinar e do aprender”. (FERNANDES, 2013, p. 4).

A avaliação não se trata do julgamento de quem aprendeu, quem não aprendeu, quem tirou uma nota maior ou quem tirou uma nota mais baixa, ela não pode ser classificatória com o propósito apenas de aprovar ou reprovar o aluno, mas, sim, fazer com que tanto professores quando alunos possam refletir com questões do tipo: como vou aprender? Como avaliar meus alunos? E entre outras.

O professor tem um importante papel, ele pode em conjunto com seus alunos estabelecer metas do que se pode ensinar e como deverá ser realizado esse acompanhamento das atividades para a avaliação.

Desse modo, quando falamos acerca do planejamento, da avaliação e da organização do espaço da sala de aula, é no sentido que essas reflexões possam construir um ambiente que propicie a alfabetização. A sistematização desses elementos compõe o trabalho do professor alfabetizador.

Como forma de avaliar o desenvolvimento dos alunos, o professor alfabetizador pode pensar no trabalho com a Psicogênese da língua escrita. Uma alternativa para a alfabetização de alunos é o trabalho com a Psicogênese da língua escrita, proposta essa iniciada na década de 1980 por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com seu estudo denominado Psicogênese da Língua escrita, ela traz uma mudança no olhar pedagógico, se antes a preocupação era no “Como se ensina?”, e após a Psicogênese da escrita o foco muda para “Como se aprende?”.

No próximo capítulo traremos uma breve análise acerca do que é Psicogênese e como esta está subdividida em seus níveis de escrita.

4 PSICOGÊNESE

Neste capítulo serão discutidas as ideias acerca da psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), e aprofundadas por Esther Pillar Grossi (1990) e Artur Gomes de Moraes (2012), veremos as divergências entre os autores acerca das fases da Psicogênese e suas características, bem como, o trabalho do professor que se utiliza da Psicogênese para avaliar seu aluno.

4.1 O que é psicogênese?

Segundo o dicionário Aurélio a Psicogênese: “é a parte da psicologia que se ocupa em estudar a origem e o desenvolvimento”, ou seja, a gene do conhecimento.

A psicogênese da língua escrita surgiu quando Ferreiro e Teberosky, na década de 1980, realizaram uma pesquisa acerca do desenvolvimento da escrita, no qual, ficou um ano em escolas em Buenos Aires na capital da Argentina, tendo como base a teoria de Piaget de que todo conhecimento possui uma origem e que a aquisição do conhecimento deve se basear pela atividade do sujeito com o objeto de estudo.

Segundo o pensamento de Ferreiro e Teberosky (1999), todo conhecimento tem uma gênese, ou seja, uma origem. Depreendemos por psicogênese, como sendo processo de compreensão de como cada aluno representa sua escrita, como organiza seu pensamento e que cada código de sua escrita, representa algo, ou seja, possui significados para quem escreve. Diante disso Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam:

[...] Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou maldisposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 11).

A psicogênese da língua escrita leva em consideração que a criança antes de se adentrar ao ambiente formal de leitura e escrita que é a escola, já possui um conhecimento, pois faz parte de um mundo letrado, e essa escrita pode ser observada através de vários signos linguísticos, seja por desenhos, rabiscos ou a escrita em si.

4.2 Níveis da Psicogênese da escrita segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky

Para que o professor desempenhe bem o seu papel, ele precisa conhecer seu aluno, saber suas dificuldades e facilidades e compreender qual o nível de aprendizagem das crianças. A Psicogênese da escrita possibilita esse aprofundamento nessas questões, na medida em que ele é facilitador na identificação da fase em que o aluno se encontra para que assim, possa trabalhar com base nesses conhecimentos.

Ao decorrer do tempo e do estímulo, a criança vai se desenvolvendo, estando em contato com os sinais gráficos, Ferreiro e Teberosky (1999), definiram que até chegar à alfabetização a criança passa por quatro níveis: nível de escrita pré-silábica, nível de escrita silábica, nível de escrita silábico-alfabética e nível de escrita alfabética.

No nível de escrita pré-silábica, a criança não consegue relacionar correspondência entre as letras escritas com o som da língua falada. Para ela, a escrita e o desenho têm o mesmo significado, além de acreditar que não seja possível escrever uma palavra usando menos de 3 (três) letras. Bem como, relaciona a escrita com o tamanho do objeto referente, o que chamamos de realismo nominal (acredita que coisas grandes têm um nome grande, e coisas pequenas um nome pequeno).

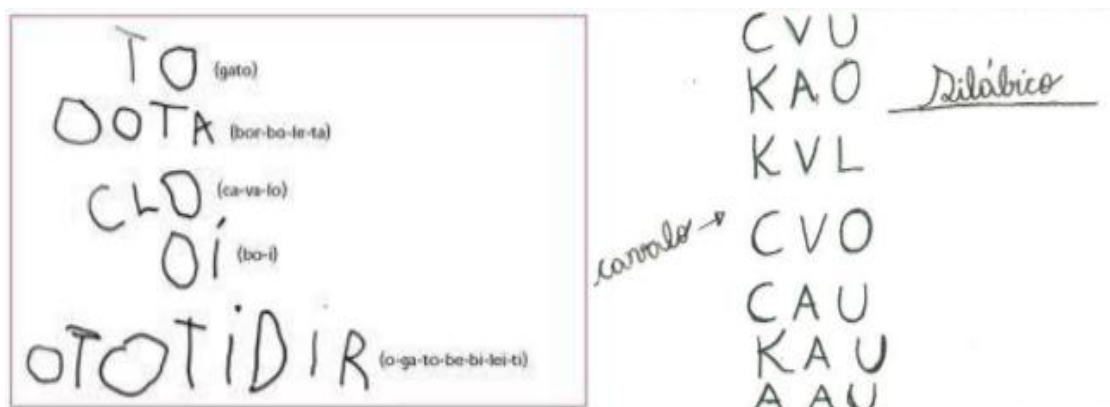
Figura 10 – Escrita de crianças Pré-silábica



Fonte: <https://www.qconcursos.com/questoes-de-concursos/disciplinas/pedagogia-pedagogia/emilia-ferrero/questoes>

No nível de escrita silábica segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), a criança começa a compreender que a escrita representa os sons falados, neste nível ela já consegue utilizar uma letra para cada sílaba, e diferentemente do nível de escrita pré-silábica, já há um entendimento de que não é preciso usar muitas letras para escrever.

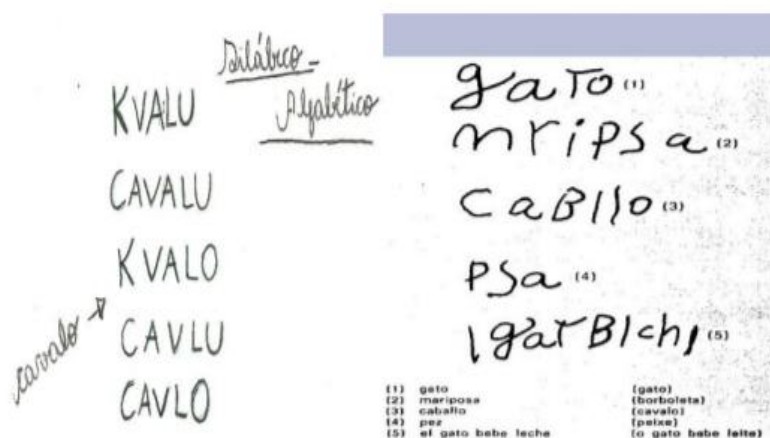
Figura 11 – Escrita de Criança Silábica



Fonte: <http://ensinar-aprender.com.br/2011/07/niveis-de-desenvolvimento-da-escrita.html>

Já no nível de escrita silábico-alfabética, também chamado de hipótese silábica, neste nível a criança já tem avançado em contrapartida aos níveis anteriores, pois, a mesma já compreende os sons da fala, e sabe que é necessária mais de uma letra para formar uma sílaba.

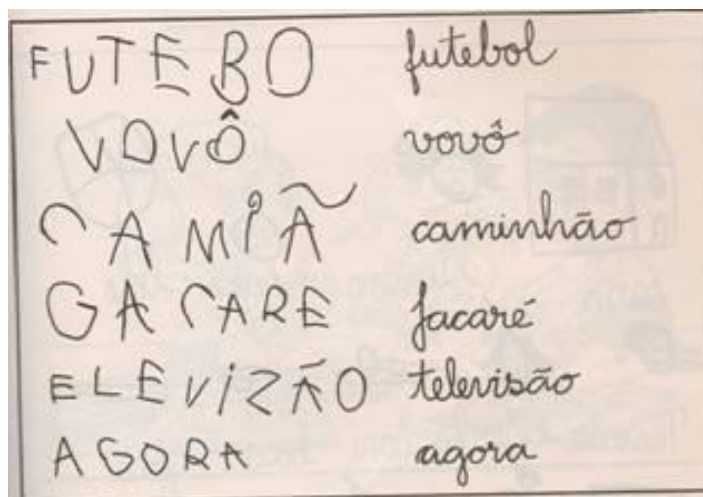
Figura 12 – Escrita de Crianças Silábico-alfabética



Fonte: <http://ensinar-aprender.com.br/2011/07/niveis-de-desenvolvimento-da-escrita.html>

No nível de escrita alfabética, a criança já conhece a utilidade de todas ou quase todas as letras, separa as sílabas na escrita de frases, entende que cada letra equivale aos menores valores sonoros da sílaba, começa a se preocupar com as dificuldades da ortografia e compreende a importância da escrita na comunicação.

Figura 13 – Escrita de crianças alfabética



Fonte: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/>

Após todas essas etapas, já pode considerar que a criança compreendeu a escrita, porém, ela começa a enfrentar novas dificuldades, as da ortografia, a criança começa a se questionar o porquê há uma diferenciação na forma que falamos para a que escrevemos.

Para uma criança recém-chegada no nível de hipótese alfabética, cada letra representa um som, porém, uma letra como o “R” por exemplo, tem variados sons, cabendo ao professor trabalhar durante o processo de aprendizagem esses aspectos do sistema alfabético.

Sendo assim, quando a criança conclui todas estas etapas, ela já se encontra alfabetizada, porém, ainda há barreiras e quebras acerca das regras normativas da escrita (Ortografia), em que ela superará durante o seu processo de escolarização.

A seguir trazemos reflexões baseadas nos estudos de Moraes (2012), ele mostra ao leitor, as etapas da evolução da escrita propostas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) em uma perspectiva mais atual. Como veremos no tópico a seguir.

4.3 Níveis da Psicogênese da escrita segundo Artur Gomes de Moraes

Em seu livro Sistema de Escrita Alfabética, Artur Gomes de Moraes (2012), pesquisou sobre as relações do processo de alfabetização e letramento e a necessidade de se estudar um desenvolvimento sistemático de ensino. Em sua pesquisa, ele buscou identificar as condições didáticas em que as crianças estão aprendendo o sistema de escrita alfabética, para em seguida defender a aprendizagem desse sistema através de procedimentos de leitura e escrita.

Segundo Morais (2012, p. 45), “é preciso entender que a tarefa do alfabetizando não é aprender um código, mas, sim, se apropriar de um sistema notacional”. Morais (2012) segue a mesma linha de pensamento de Ferreiro e Teberosky (1999) na divisão dos níveis de apropriação da escrita da criança, como veremos a seguir.

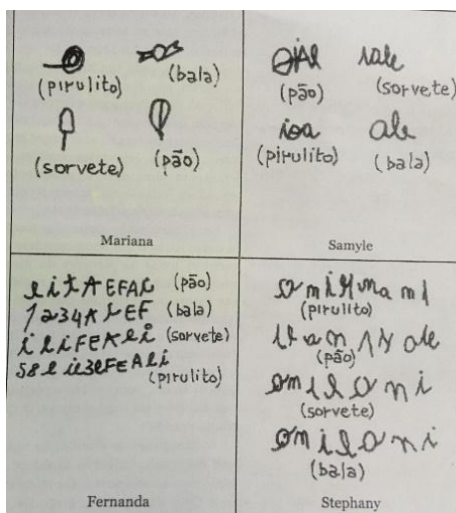
Na fase pré-silábica, a criança não compreende os sons da língua falada, e não consegue fazer a distinção entre desenho e escrita, entretanto, com o mundo mais globalizado, e com os acessos tecnológicos atuais, o qual muitas crianças estão em contato, ela tende a escrever rabiscos parecidos com letras cada vez mais cedo, pois, tem a percepção que são o que usamos para escrever.

Nesta fase pré-silábica, a criança mistura rabiscos de letras, números, ou até mesmo criam letras novas. Muitas crianças nesta fase já sabem que diferentes palavras não são escritas do mesmo jeito, por isso, tendem a utilizar-se do já falado acima “realismo nominal” (escreve borboleta com poucas letras por ser um animal pequeno, e boi com muitas letras por ser um animal grande). De acordo com Morais (2012):

As tentativas de diferenciar entre si as palavras que escrevem, tal como acontece com as palavras que veem ao seu redor, faz as crianças formularem dos tipos de hipóteses originais, nunca ensinadas pelo adulto e que cedo foram descritas por Ferreiro e Teberosky (1979): a hipótese de quantidade mínima e a de variedade. (MORAIS, 2012, p. 56).

Na hipótese de quantidade mínima, a criança acredita que só podemos escrever palavras se a mesma tiver pelo menos três letras, já na hipótese de variedade, a criança acredita que não se podem ter letras iguais em uma mesma palavra.

Figura 14 – Escrita de crianças na fase pré-silábica

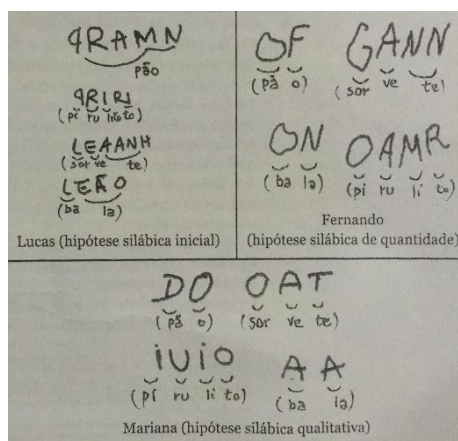


Fonte: Morais, 2012.

Já na fase silábica, a criança começa a notar a pauta sonora das palavras, ela acredita que para cada sílaba pronunciada em uma palavra se coloca uma letra, algumas crianças iniciam na série da alfabetização já nesta etapa. Moraes (2012), fala que no meio pedagógico brasileiro é comum analisar as escritas dos alunos dividindo em dois subgrupos: silábicas quantitativas e qualitativas.

Na silábica quantitativa, a criança se utiliza de uma letra para cada sílaba pronunciada, porém essas letras não condizem em nada com a palavra notada, já na qualitativa, ela se utiliza de uma única letra para cada sílaba, entretanto com valor sonoro.

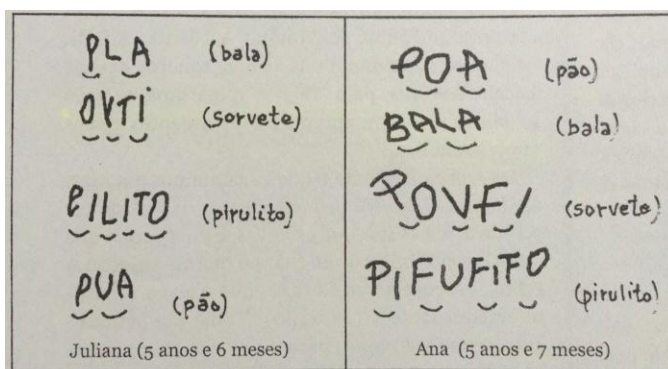
Figura 15 – Escrita de crianças na fase silábica



Fonte: Moraes, 2012.

Na fase silábico-alfabética, a criança tem a consciência que é necessário colocar mais de um caractere para formar uma sílaba, o nível de exigência passa a ser maior, pois, a criança precisará aprender além das vogais, as consoantes e seus sons. É uma fase conflituosa, na qual haverá ainda muitos erros ortográficos, pois, terá letras que a criança ainda não conhecerá seu valor sonoro.

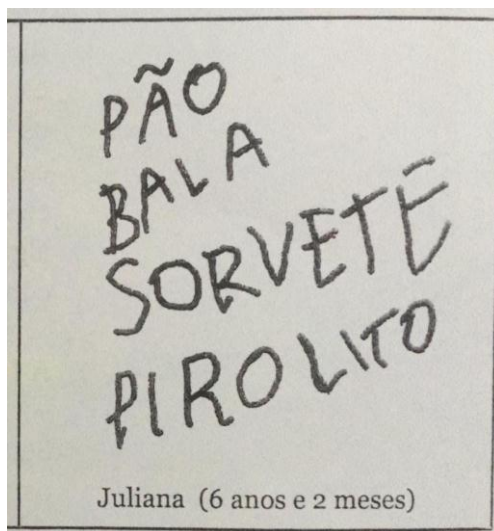
Figura 16- Escrita de crianças na fase silábico-alfabética



Fonte: Moraes, 2012.

Já na fase alfabética, as crianças alcançaram o ponto final do processo de apropriação da escrita, entretanto, ainda comete muitos erros ortográficos, pois a criança tende a acreditar que cada letra possui apenas um som. Isso ocorre, muitas vezes porque há palavras mais difíceis de ser encontrada em um texto, para superar esse conflito, a criança precisa conhecer os diferentes tipos de letras e seus valores sonoros.

Figura 17 – Escrita de crianças na fase alfabética



Fonte: Morais, 2012.

Sendo assim, cabe ao professor, se utilizar de trabalhos de leitura e escrita com o aluno, e não apenas se contentar com o fato dele já ter atingido o nível alfabético. Além de permitir que a criança utilize da escrita como forma de expressão.

Diferentemente de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) aprofundado por Artur Gomes de Morais (2012), a pesquisadora Esther Pillar Grossi (1990), acredita que a criança em seu processo de apropriação da escrita passa apenas por 3 níveis, os quais veremos no tópico a seguir.

4.4 Níveis da Psicogênese da escrita segundo Esther Pillar Grossi

Esther Pillar Grossi (1990) pesquisou acerca dos níveis da construção da escrita da criança, inspirada nas ideias de Ferreiro e Teberosky (1999), entretanto, diferente de Ferreiro e Teberosky, Esther dividiu os níveis de apropriação da escrita em: nível pré-silábico, nível

silábico e nível alfabético, subdividindo o nível pré-silábico em dois níveis: pré-silábico I e pré-silábico II.

Na década de 1990, a autora Esther Pillar Grossi lançou três importantes livros sobre as didáticas para os níveis de escrita: Didática dos Níveis Pré-silábicos, Didática do Nível Silábico e Didática do Nível alfabético. Suas pesquisas se deram na década de 1980 em que, juntamente com o seu grupo de Estudos pesquisavam sobre crianças de comunidades carentes do Rio Grande do Sul, projeto denominado de “Alfabetização em classes populares”.

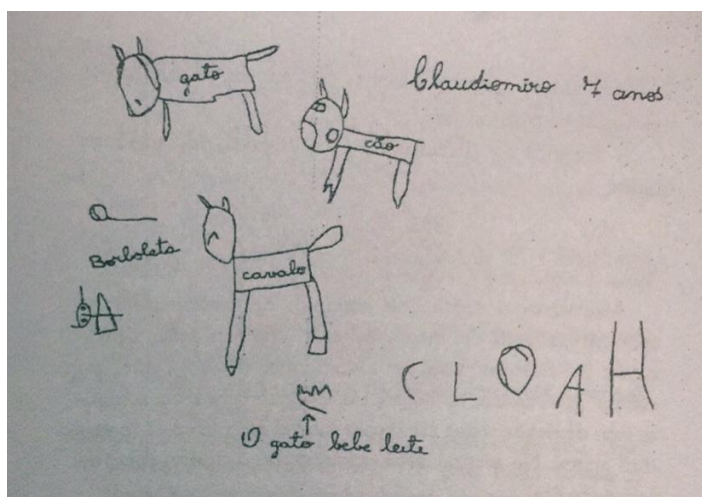
Seu grupo de pesquisa GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de pesquisa e Ação), tinha como objetivo de alfabetizar crianças de classes populares, como relata GROSSI, (1990, p. 28)

O Geempa não se contenta com os critérios desenvolvidos pelas Secretarias de Educação para decidir ou não sobre o êxito da alfabetização, pois está essencialmente preocupado com o desenvolvimento de estruturas cognitivas que permitam à criança a conhecer o mundo, construindo-o, inventando-o permanentemente. (GROSSI, 1990, p. 28)

No nível Pré-silábico I, a criança supõe que a escrita é uma forma de desenho e se utiliza de desenhos e rabiscos para escrever, para ela, leitura é interpretar as imagens. As crianças neste nível, não compreendem palavras escritas e nem letras isoladas, as letras são objetivos que nada tem a ver com escrita.

Como podemos observar na figura abaixo, onde o aluno se utilizou de desenhos para a escrita das palavras importas no ditado, e na frase, usou de letras soltas para compor o que foi pedido.

Figura 18 – Escrita de crianças pré-silábico I



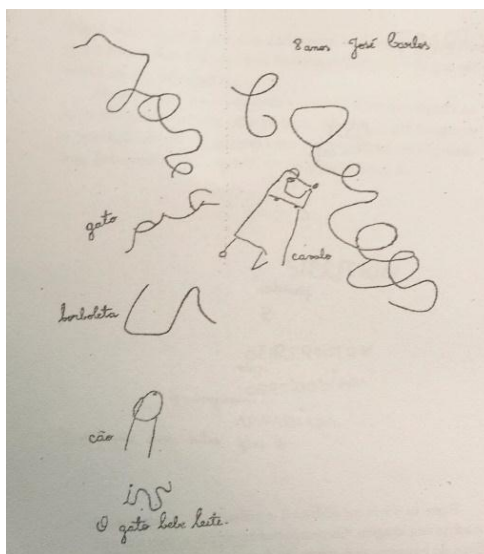
Fonte: Grossi, 1990.

Já no nível pré-silábico II, a criança começa a perceber que se pode escrever com as letras, utilizando assim, a letra inicial do seu nome para formar palavras, e palavras diferentes ele utiliza de outros caracteres, para a criança neste nível, só se leem palavras se a mesma tiver três letras ou mais (hipótese da quantidade mínima de letras).

No nível pré-silábico II, a criança ainda não compreende que a escrita representa os sons da língua falada, não se pode repetir letras em uma única palavra, além de acreditar que a escrita representa os objetos e não seus respectivos nomes: coisas pequenas têm nomes pequenos e coisas grandes têm nomes grandes (realismo nominal).

Na figura a seguir, essa criança procura escrever as palavras impostas utilizando-se das letras de seu nome, bem como ainda se utiliza por meio de desenhos e sinais gráficos que se parecem com letras.

Figura 19 – Escrita de crianças pré-silábica II

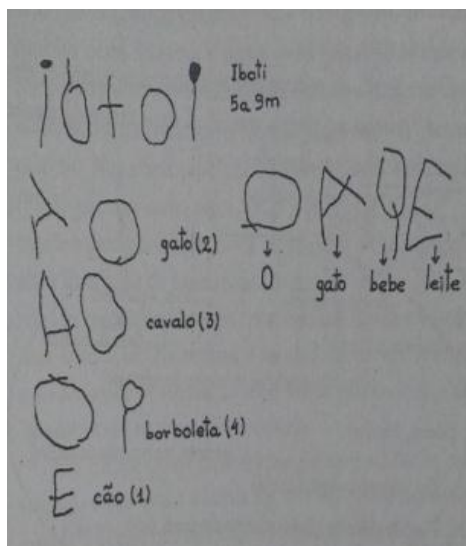


Fonte: Grossi, 1990.

Já no nível silábico, a criança começa a desvincular a escrita de imagens, e começa a pensar numa ordem de letras para as palavras, utilizando muitas vezes uma única letra por sílaba, ou quando é escrita de frase, se utilizar de uma letra para cada palavra. O conflito maior neste nível é o da leitura, pois, não saber ler o que escreveu gera dúvidas se está escrevendo corretamente.

Na figura a seguir podemos observar a escrita da criança no nível silábico, no qual a mesma se utiliza de uma letra para cada sílaba, e na frase, uma letra para cada palavra imposta no ditado.

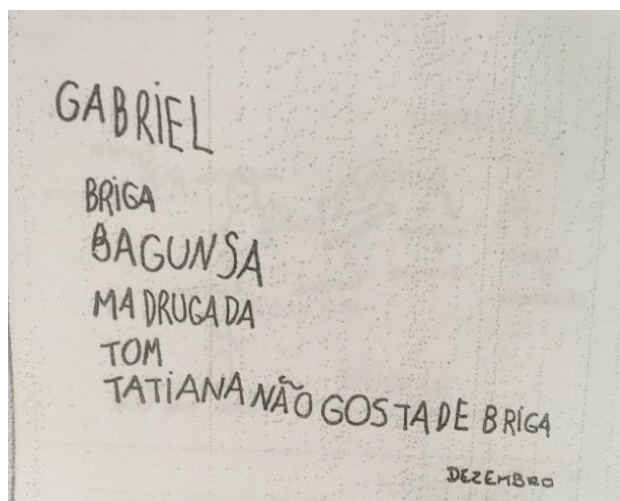
Figura 20 – Escrita de crianças no nível silábico



Fonte: Grossi, 1990.

Por fim, no nível alfabético, a criança compreende que cada uma das letras da escrita corresponde a valores menores que a sílaba, consegue diferenciar letras de sílabas. Neste nível ela já tem a percepção que para compor uma sílaba pode se utilizar mais de um caractere, porém, ainda precisa vencer as barreiras da separação de palavras em uma frase.

Figura 21 – Escrita de crianças no nível alfabético



Fonte: Grossi, 1990.

A criança em seu processo de desenvolvimento de leitura e escrita precisa estar em contato com instrumentos que proporcionem a vivência com a leitura e escrita.

Bem como, se faz necessário que o professor tenha conhecimento do desenvolvimento de cada aluno para poder planejar suas atividades. Para o professor saber em

que nível seu aluno se encontra ele precisará fazer diagnósticos periódicos, como veremos no tópico a seguir.

4.5 O trabalho do professor com a Psicogênese da escrita

Os estudos sobre a Psicogênese provocam muito debate acerca da Alfabetização, pois, esta teoria propôs uma mudança na maneira de se compreender a escrita, porém, a implementação dela no dia a dia de sala de aula é dificilmente utilizada. Como Moraes (2012, p. 73) relata “Muitas vezes professores que se dizem “construtivistas”, no dia a dia, continuam usando o método silábico ou fônico para ensinar seus alunos a ler e a escrever”.

É comum, vermos professores empregando métodos tradicionais de alfabetização, usando da escrita como um código, no qual são transmitidos pelo professor ou autor de cartilhas, que de maneira rápida e mágica os alunos “aprendem” a ler e escrever.

Já em outros casos, em muitas salas de aula, como relata Moraes (2012), vem se instalando um discurso segundo o qual as crianças, espontaneamente, aprenderiam a ler, desde que pudessem participar de situações onde se lesse e escrevesse textos, cotidianamente, não sendo preciso trabalhar com palavras e suas unidades menores (sílabas e letras), porque as crianças, “cada uma no seu ritmo”, descobririam “sozinhas” como a escrita funciona.

Para tanto, os resultados no que diz respeito à alfabetização com este tipo de crença tem sido baixo, tendo em vista que para a criança ter domínio em leitura e na escrita ela precisa conhecer o sistema de escrita alfabética e se apropriar do mesmo por meio das correspondências letra-som.

Quando o professor faz o ditado de palavras e a frase, constata em que nível de aprendizagem aquele aluno se encontra, há a dúvida: o que eu vou fazer? Como avaliar meu aluno para que ele venha avançar?

Possibilitar momentos de escrita é de suma importância para se trabalhar com a teoria psicogenética, o professor com este trabalho saberá e acompanhará o desenvolvimento de cada aluno realizando por meio da sondagem.

Utilizando-se de um ditado com palavras monossílabas (palavra com uma sílaba), palavras dissílabas (palavra com duas sílabas), palavras trissílabas (palavra com três sílabas), palavras polissílabas (palavra com quatro ou mais sílabas) e uma frase.

Para isso, há algumas atividades em que o professor possa trabalhar em sala de aula com os alunos, sendo o mesmo assunto (temática abordada), porém com atividades diferenciadas para desenvolver cada nível de aprendizagem.

Essa avaliação Psicogenética é de suma importância, pois, por meio dela o professor vai estar em contato com o aluno no que diz respeito, ao conhecimento do que esse aluno tem dificuldade e do que ele tem facilidade, constatar em que fase de aprendizagem cada aluno se encontra, e por meio disso pensar em possíveis atividades que possibilitem o avanço do aluno em cada fase da Psicogênese.

O professor tem um papel fundamental nesse processo, ele deve desafiar os alunos, provocando-os para o avanço, não se podem propor atividades onde apenas os silábicos e alfabéticos consigam resolver e deixar os demais esquecidos, pois, todos os alunos de todos os níveis precisam de estímulos, para isso, as atividades precisam ser desafiantes.

O professor também pode desenvolver atividades a partir de ferramentas e materiais que os alunos têm contato, como por exemplo, os desenhos animados, pedindo para que os alunos possam produzir algo a partir disso. Deve-se também propiciar atividades de socialização com os alunos de todos os níveis. Além de, buscar não dar respostas prontas para os alunos, e sim, questioná-los e desafiá-los para que eles venham refletir acerca da resposta.

Assim, a seguir detalharemos a nossa trajetória metodológica.

5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O ato de pesquisar é de suma importância para todo educador, pois, a busca por determinada temática gera compreensão e reflexão, por meio da pesquisa temos conhecimento acerca de questões sociais, culturais, tecnológicas e entre outras. Conforme Gil (2002, p. 17) afirma:

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002, p. 17)

A pesquisa é importante para resolvermos nossas indagações e dúvidas sobre determinado assunto, por meio dela conseguimos descobrir novos conhecimentos e soluções para as problemáticas levantadas.

Neste capítulo, abordaremos acerca da trajetória metodológica em que nossa pesquisa está orientada, falando sobre a abordagem escolhida para o trabalho, os instrumentos utilizados para a geração de dados metodológicos, o local em que a pesquisa foi realizada e quais os participantes do estudo.

5.1 Abordagem da Pesquisa

A escolha da pesquisa é importante em um estudo, mediante aos objetivos elencados deste trabalho, escolhemos trabalhar com a abordagem de pesquisa qualitativa, que segundo Godoy (1995, p 21), “[...] um fenômeno é melhor compreendido no contexto em que ocorre e faz parte”. Dessa forma, a pesquisa qualitativa busca ir ao encontro com o objeto do estudo.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DESLANDES, 1994, p. 21).

Diferentemente da abordagem quantitativa, na pesquisa qualitativa há uma preocupação com o real, um real que não pode ser quantificado estatisticamente, mas sim, os comportamentos dos seres humanos em suas relações, elementos esses que são fundamentais para construção deste trabalho.

5.2 Trabalho de Campo

O trabalho de campo em nossa pesquisa foi essencial, na medida em que buscamos coletar dados no local com os participantes da pesquisa, que segundo Deslandes (1994, p. 51), “o trabalho de campo possibilita além de um conhecimento com aquilo que desejamos pesquisar, bem como também a oportunidade de criar um novo conhecimento, a partir da realidade do local estudado”.

Desse modo, a pesquisa deste trabalho foi realizada na escola de Educação Básica – EEBAS, com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, ocorreu durante 24 horas, sendo subdividida em observação, aplicação dos testes da psicogênese da escrita e entrevista semiestruturada com a professora da turma.

Inicialmente, conversamos com a coordenadora pedagógica da escola, no qual ela autorizou e em seguida com a professora da turma, ambas se propuseram a ajudar, além de esclarecer possíveis dúvidas. A receptividade de ambas foi fator determinante nesta pesquisa.

Ficou combinado que a pesquisa ocorreria apenas nas terças-feiras, pois, em outros dias da semana havia estagiárias na sala de aula juntamente com a professora, e para não ficar um ambiente muito cheio, combinamos nas terças.

Após, explicaremos aos alunos participantes como iria funcionar a pesquisa, o que seria realizado, os mesmos concordaram e se animaram na participação por meio dos ditados realizados periodicamente.

A pesquisa realizada se deu por meio de estudo de caso, que segundo André (2003, p. 97):

Se o interesse é investigar fenômenos educacionais no contexto natural em que ocorrem, os estudos de caso podem ser instrumentos valiosos, pois o contato direto e prolongado do pesquisador com os eventos e situações investigadas possibilita descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam. Assim, permitem compreender não só como surgem e se desenvolvem esses fenômenos, mas também como evoluem num dado período de tempo. (ANDRÉ, 2003, p. 97)

O estudo de caso foi de suma importância em nossa pesquisa, por meio dele conseguimos observar e acompanhar o desenvolvimento e evolução dos alunos durante os cinco meses presentes no local da pesquisa. Desse modo, o estudo de caso foi fator determinante nesta pesquisa.

A temática foi escolhida com base nos estudos vistos no curso de Pedagogia, e pensando na importância do tema optamos aborda-lo nesta pesquisa. Após, lermos sobre os estudos que envolvem nossa temática, formulamos os objetivos da pesquisa.

A formulação do problema de pesquisa se deu com base em nosso objetivo no estudo, em saber qual a contribuição da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita das crianças no processo de alfabetização. Optamos por um estudo de caso, pois, exploramos situações reais da vida dos alunos por meio das observações participantes descrevendo as situações ocorrentes no lugar investigado.

Escolhemos analisar cinco avaliações da psicogênese da escrita devido ao tempo para o referido estudo, e como critério para a escolha foi a presença desses cinco alunos em todos os dias que ocorreu a investigação. A geração de dados empíricos se deu com base nos testes da Psicogênese, observação participante e entrevista semiestrutura com a docente da turma pesquisada, cujos resultados poderão ser vistos nas análises de dados deste trabalho.

5.3 Instrumentos de geração de dados

Pensar em que instrumentos utilizaremos na geração de dados é de suma importância em uma pesquisa, pois, ele norteará o percurso que levará até o resultado final, ele é responsável pelo direcionamento da pesquisa, afim de viabilizar a futura análise.

Desta forma, os instrumentos utilizados para subsidiar este trabalho foram: entrevista semiestruturada, observação participante e os testes realizados da psicogênese da língua escrita.

5.3.1 *Entrevista Semiestruturada*

A entrevista é um instrumento importante para se coletar informações sobre determinado assunto, ela consiste em uma conversa podendo ser entre duas ou mais pessoas.

A entrevista semiestruturada consiste em questões abertas e um roteiro planejado antecipadamente.

Neste trabalho utilizamos a entrevista semiestruturada, a qual optamos por termos um roteiro planejado antecipadamente. Além dela oferecer interação entre o entrevistado e o entrevistador, na medida em que no meio das perguntas possam surgir outros

questionamentos na busca de adaptar as questões para o contexto da entrevista. Carvalho (2007) assegura que:

As entrevistas semiestruturadas preveem a eventual necessidade de aproveitar oportunidades, no momento da realização, para acrescentar questões sugeridas pelas respostas do/a entrevistado/a, ampliando, aprofundando ou detalhando aspectos interessantes (CARVALHO, 2007, p. 190).

Para a entrevista semiestruturada, utilizamos o uso do gravador, a fim de captar as falas, sem deixar passar nenhum detalhe, o gravador permite a entrevistadora quando for rever a entrevista observar detalhes pertinentes, capturar os momentos de oscilação, de pausas, mudança na entonação e entre outros.

A entrevista foi realizada com a professora da turma do 1º ano do Ensino Fundamental, ocorreu no intervalo dos alunos, tendo em vista que o intervalo na escola onde a pesquisa foi feita, o intervalo é de um período de quarenta e cinco minutos.

Teve a duração de vinte minutos, ocorreu de forma tranquila, foram respondidas todas as perguntas acerca da Alfabetização bem como o uso da Psicogênese da língua escrita em sala de aula.

Com a entrevista, pudemos observar que a professora da turma conhece o trabalho com a psicogênese, e até se utiliza a mesma a fim de identificar os níveis de aprendizagens de seus alunos, entretanto, há uma dificuldade observada na realização de atividades para o desenvolvimento desses níveis, tendo em vista que as atividades são iguais para todos os alunos, independente, de que nível ele apresente.

A entrevista foi uma ferramenta importante na busca pela coleta e análise de dados, a fim de ligar o que se foi dito na mesma com as observações realizadas no período de observação da turma.

5.3.2 Observação Participante

A observação participante na pesquisa qualitativa possibilitou o contato do pesquisador com o objeto de estudo. É na observação que detalhes importantes são captados que muitas vezes em uma entrevista não são percebidos. Segundo Deslandes (1994, p. 59) “[...] a técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”.

Com este instrumento, o observador pode colher informações do real que é vivenciado na prática, formando assim suas ideias, ou podendo até mesmo muda-las. Com isto, vimos a importância da observação participante, fomos à escola de Educação Básica (EEBAS) escolhida como local da pesquisa, a fim de observar a rotina da sala de aula uma vez por mês, sendo apenas nas terças-feiras durante cinco meses na turma de 1º ano do ensino fundamental.

Ao longo das observações, buscamos identificar se a professora trabalhava com a psicogênese da língua escrita, como é o seu trabalho em sala de aula, quais as atividades propostas, se trabalha com leitura e escrita, se faz atividades diferenciadas com os alunos de acordo com cada nível de aprendizagem e se o ambiente era alfabetizador.

Sendo assim, a observação participante foi de grande importância, com ela, conseguimos fazer a relação com a entrevista semiestruturada, relacionando o que foi dito na entrevista com a prática em sala de aula a fim de conseguir informações essenciais para esta pesquisa.

5.3.3 Testes da Psicogênese

Realizamos nesta pesquisa os testes da psicogênese com ditados de oito palavras, sendo duas monossílabas, duas dissílabas, duas trissílabas e duas monossílabas e uma frase contendo palavras já ditas no ditado.

Segundo a publicação do Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de pesquisa e Ação - GEEMPA, (1986, p. 30):

Aplicar o ditado seria fundamental, tendo em vista que “o conhecimento pormenorizado dos níveis pelos quais passa cada criança, durante o processo de aprendizagem de cada conteúdo, constitui elemento indispensável ao professor, aliado à sensibilidade de sintonizar com a reação típica de cada aluno”. (GEEMPA, 1986, p. 30)

O ditado permite ao professor conhecer o nível de seu aluno e com isso buscar maneiras de trabalhar os conteúdos com base nesses níveis a fim de fazer com que o aluno progrida e avance em seu processo de ensino e aprendizagem, por esta razão, escolhemos esse instrumento para a coleta de informações.

Desse modo, fizemos quatro testes com ditado para avaliar os níveis psicogenéticos dos alunos da nossa pesquisa, sendo um acompanhamento inicial, intermediário e final.

O primeiro ditado foi o diagnóstico, no qual aplicamos no mês de março, o segundo ditado aplicamos no mês de maio, o terceiro no mês de julho e por fim, o ultimo ditado aplicamos no mês de agosto. Esse acompanhamento foi realizado para observar os avanços dos alunos.

A cada teste, fazíamos o ditado com oito palavras e uma frase, no ditado seguinte repetia quatro das oito palavras do teste anteriormente aplicado, e na frase, buscamos utilizar de palavras presentes no ditado para observar se eles saberiam separar e compreender que era a mesma palavra.

No primeiro ditado as palavras e frase escolhidas foram: fé, pé, vida, bola, menino, caneta, telefone e sabonete. A frase foi: O menino joga bola. No segundo ditado: fé, pé, mapa, pipa, boneca, janela, telefone e sabonete. A frase foi: O gato subiu na janela.

Já no terceiro ditado, as palavras foram: rei, lei, mapa, pipa, boneca, janela, apagador e canivete. A frase foi: O rei subiu na janela. Por fim, no quarto ditado: rei, lei, copo, luva, cabide, gaveta, apagador e canivete. A frase foi: O rei abriu a gaveta.

As palavras em que usamos em cada teste psicogenético foram palavras que tinham a proximidade com a realidade os alunos. Os quatro ditados foram realizados na sala de aula e a professora da turma não estipulava um tempo, sendo assim, sempre perguntávamos aos alunos: “já terminaram?” Com base em suas respostas afirmativas, iríamos dando continuidade.

5.4 Local da Pesquisa

Neste tópico falaremos sobre o município onde a pesquisa foi realizada, bem como, a escola onde coletamos os dados deste estudo.

5.4.1 *Município*

A pesquisa foi realizada no município de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, fundada em 1585, já recebeu o título de cidade, possui mais de 800 (oitocentos) mil habitantes é a 8º (oitava) cidade mais populosa da região nordeste e a 23º (vigésima terceira) mais populosa do Brasil. Escolhemos neste município por ser o município de residência da UFPB.

No que diz respeito à educação, o município de João Pessoa possui um quadro vasto em números de escolas, como veremos no quadro a seguir de acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) do ano de 2019.

Quadro 2 – Censo escolar: Quantidade de escolas

UF	Município	Dependencia Administrativa	Nº de escolas¹	Nº de escolas fechadas²	%
PB	João Pessoa	Estadual	109	109	100,00
		Federal	4	4	100,00
		Municipal	184	183	99,46
		Privada	385	186	48,31
PB - Total			682	482	70,67

Fonte: Censo Escolar/INEP – 2019.

Neste quadro, podemos constatar que a quantidade de escolas estaduais fechadas no município é a mesma quantidade que há de escolas abertas, isso vem ocorrendo, entre outros fatores porque a responsabilidade maior no Ensino Fundamental vem sendo passado ano após ano para o município.

Podemos observar no quadro a seguir o número de matrículas nos anos iniciais nas escolas de rede municipal (RM) e rede estadual do município (REM) de João Pessoa, dos anos de 2015, 2016 e 2017 divulgados pelo INEP.

Quadro 3 – Número de matrículas nos anos iniciais

	Matrículas nos anos iniciais					
	2015		2016		2017	
	REM	RM	REM	RM	REM	RM
1º ano	1,394	3,209	1,543	3,028	1,210	3,563
2º ano	1,636	3,473	1,649	3,544	1,541	3,706
3º ano	2,014	4,619	2,085	4,361	1,890	4,858
4º ano	2,000	4,539	1,942	4,208	1,691	4,552
5º ano	2,173	4,656	2,330	4,463	1,816	4,504

Fonte: INEEP

O número de matrículas vem diminuindo a cada ano como nos mostra o quadro, já em sala de aula de acordo com os dados do INEP a média de alunos também diminuiu como podemos observar no quadro a seguir referentes aos anos de 2015, 2016 e 2017.

Quadro 4– Média de alunos por turma

	Média de alunos por turma					
	2015		2016		2017	
	REM	RM	REM	RM	REM	RM
1º ano	17.6	20.6	20.9	20.5	21.5	21.3
2º ano	18.8	22.0	23.2	21.9	22.3	22.2
3º ano	20.3	24.6	22.2	23.7	24.2	24.9
4º ano	19.0	25.4	21.6	25.0	22.9	25.9
5º ano	21.3	26.2	23.8	25.5	22.1	26.5

Fonte: INEP

O município de João Pessoa adota desde 2002 o PME (Plano Municipal de Educação) que está em fase de reformulação para os próximos 10 (dez) anos. Em que, os principais temas abordados no PME são: a qualidade do ensino, a formação dos profissionais da educação, a democratização da gestão, o financiamento e entre outros.

5.4.2. A escola

A escola de Educação Básica (EEBAS) na qual foi realizada esta pesquisa está localizada dentro do campus I da UFPB no bairro do Castelo Branco III no município de João Pessoa – PB (Paraíba), sua criação ocorreu em 21 de setembro de 1988, a 30 (trinta) anos com o objetivo de atender filhos de professores e crianças do bairro em que está inserida.

Atualmente na EEBAS são oferecidos a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, funcionando nos turnos da manhã (07h15min – 11h15min) e tarde (13h14min – 17h15min), no turno da manhã, são oferecidas todas as séries da Educação Infantil aos anos iniciais de Ensino Fundamental, já no turno da tarde, são oferecidos apenas Educação Infantil, 2º, 3º, 4º e 5º ano.

No ano de 2019, a escola atendeu 233 alunos no total, com 8 (oito) turmas pela manhã e 7 (sete) turmas no horário vespertino. De acordo com o site oficial da EEBAS:

Conforme o seu regimento, a Escola de Educação Básica atende a Educação Infantil, crianças na faixa etária de 2 (dois) a 05 (cinco) anos, e à fase inicial do Ensino Fundamental, crianças na faixa etária de 06 (seis) aos 10 (dez) anos (1º ao 5º ano). A Estrutura Organizacional das Turmas da Escola de

Educação Básica atende o disposto na LDB Nº 9394/96, na Lei 11274/2006 do Ensino Fundamental de 9 anos e das Diretrizes Curriculares da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Seguindo o calendário escolar, a escola estabelece os meses de fevereiro e março como início do ano letivo. A Admissão da Criança na EEBAS se dá a partir de sorteio público, com edital publicado no site da EEBAS e fixado na escola para consulta pública, conforme a legislação vigente, em particular com a Constituição Federal de 1988, com a Portaria nº 959, de 27 de setembro de 2013, com as resoluções nº 5 do Conselho Nacional de Educação CNE), de 17 de dezembro de 2009, nº 6 da Câmara de Educação Básica (CEB), 20 de outubro de 2010, e nº 1 Resolução CNE/CEB, de 10 de Março 2011. (<http://plone.ufpb.br/eebas>)

Com relação ao quadro de funcionário da escola, ele é formado por uma equipe de professores, cozinheiros, nutricionistas, auxiliares de enfermagem, psicólogo e um equipe de apoio que inclui: almoxarifado, secretaria, estagiários da Pedagogia, Educação Física, Nutrição, Psicologia, Enfermagem e entre outros cursos disposto na UFPB. Há ainda, 11 funcionários terceirizados no total nos serviços gerais e portaria.

A seguir veremos o quadro com o número de funcionários que fazem parte da equipe da EEBAS.

Quadro 5 – Quadro de Funcionários da EEBAS

Quadro de Funcionários	
Setor	Quantidade
Coordenadores	2
Professores	16
Cozinha	6
Nutricionista	1
Auxiliar de Enfermagem	1
Almoxarifado	1
Psicólogo	1
Secretaria	2
Setor social	1
Terceirizados	
Auxiliar de serviços gerais	9
Porteiro	2

Fonte: Escola EEBAS

O apoio da referida escola foi de suma importância nesta pesquisa, o atendimento das pessoas na hora de passar as informações e tirar as dúvidas contribuiu para a construção deste trabalho que apresentaremos as análises dos dados coletados por meio desta pesquisa no próximo tópico.

5.5 Participantes da Pesquisa

A pesquisa ocorreu com a turma de 1º ano do Ensino fundamental da escola de Educação Básica - EEBAS, no qual haviam 19 alunos matriculados, entre seis e sete anos de idade, sendo doze meninos e sete meninas, a escolha pelo local se deu por ser uma escola localizada dentro da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e de fácil acesso.

A professora da turma tem formação em Pedagogia e Fonoaudiologia pela UFPB, atua na escola, há dois anos, e está na área de alfabetização há cinco anos. Desde sua formação em Pedagogia a professora atua nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental.

Na turma não há alunos repetentes e essa turma é composta principalmente por crianças filhos de professores, ou funcionários da EEBAS.

5.6 Análise de Dados

Os dados foram gerados por meios dos elementos elencados anteriormente como: a observação participante, a entrevista semiestruturada com a professora da turma e os testes da Psicogênese da Escrita das crianças subdivididos em uma avaliação inicial, intermediária e final. Para André e Lüdke (1986):

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições das entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa da análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.45).

Mediante a isso, construímos as análises que poderão ser observadas no tópico a seguir com o objetivo de revelar os dados elencados por nossa pesquisa mediante a questão geral deste trabalho.

Iremos utilizar para a análise da avaliação da psicogenética da escrita a produção de cinco alunos. Utilizamos como critério para a escolha desses alunos, a presença dos mesmos nos quatro testes Psicogenéticos aplicados, pois dos dezenove alunos da turma, apenas cinco estavam presentes nos dias em que aplicamos todos os ditados. Como veremos a seguir.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS EMANADOS DA PESQUISA

Com base na observação participante, na entrevista semiestruturada e nos testes da psicogênese, realizamos a análise de dados emanados da pesquisa. Para Minayo (2001, p.79) esta etapa tem como foco “a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”.

Mediante a isso, construímos as análises reafirmando o objetivo de revelar os dados elencados por nossa pesquisa atendendo a questão geral deste trabalho. Para preservar a identidade da professora, utilizaremos a expressão: “professora da turma”. E para nos referirmos aos alunos da turma, utilizaremos as letras do alfabeto, um para cada estudante, como por exemplo: Aluno A, Aluno B, Aluno C e assim por diante.

Diante dos dados gerados da pesquisa, estruturamos as análises em quatro eixos, a fim de organizarmos os elementos que compõem nosso trabalho. Os dados foram gerados mediante aos eixos:

- Conhecendo os participantes da pesquisa
- Diagnosticando os níveis da Psicogênese das crianças
- Mudanças apresentadas no processo de Alfabetização
- Possibilidades de atividades para o trabalho com a Psicogênese no Ciclo de Alfabetização.

6.1 Conhecendo os participantes da pesquisa

Os integrantes desta pesquisa, foram os dezenove alunos da turma do 1º ano do turno da manhã da Escola de Educação Básica (EEBAS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sendo estes doze meninos e sete meninas, além da professora da turma.

Realizamos inicialmente uma conversa com a coordenadora pedagógica da escola sobre o que se tratava nossa pesquisa e a sua temática, com a sua liberação e apoio, fomos falar com a professora da turma que também aceitou a realização deste trabalho em sua sala de aula.

Após esse momento, ficou acatado com a professora da turma os dias em que iríamos a escola para observação participante e para a aplicação dos testes Psicogenéticos das crianças. Ficaram divididos os seguintes dias: dia 12/03/2019 a realização do primeiro teste, a produção inicial dos alunos, dia 14/05/2019 observação participante, dia 21/05/2019 segundo teste da Psicogênese da escrita, dia 28/05/2019 observação participante, dia 23/07/2019 ficou dividido

em dois momentos, o primeiro a realização do terceiro ditado psicogenético e no segundo momento a entrevista semiestruturada com a professora da turma, e por fim, dia 13/08/2019, a realização do quarto e último ditado da Psicogênese da escrita.

A turma é composta por alunos de seis anos, dentre os dezenove alunos na turma, cinco tem pais professores, e dois tem pais que trabalham na EEBAS. Dentre esses alunos nenhum é repetente na série.

A professora da turma possui formação em Fonoaudiologia e em Pedagogia, ambas as graduações pela UFPB, atua na área de alfabetização há cinco anos, e está na escola há dois anos.

Durante as observações, percebemos que a professora utiliza bastante à leitura de livros de literatura infantil em sala de aula. Todos os dias em que observamos ela leu histórias infantis pedindo ajuda dos alunos, questionando-os com perguntas sobre os personagens e eles adoravam, sendo participativos na história.

Também pudemos observar atividades escritas, sejam no livro didático, ou em uma folha, na qual, a professora leu uma história como de costume. Ao final da atividade, construiu no quadro coletivamente um resumo da história com os alunos, e no fim pediu para que eles copiassem do quadro a construção coletiva realizada. Porém, as atividades são as mesmas para todos os alunos sem diferenciação de acordo com os níveis.

O ambiente é bem equipado, possui calendário, alfabeto de parede, tabela numérica, cantinho da leitura (onde os alunos têm total liberdade de pegarem os livros que quiserem) e algumas atividades expostas, só sentimos falta da seletividade nas atividades expostas tendo em vista, que esta uma pintura que os alunos fizeram na parede por mais de três meses.

Nas paredes há parlendas em folhas de cartolinas e poemas na qual a professora vem trabalhando com a turma ao longo do ano.

Por meio das observações, pudemos perceber que a professora da turma, utiliza o ditado como maneira de diagnosticar os níveis de escrita dos alunos, e durante a entrevista questionamos se ela conhece a Psicogênese, se sabe do que se trata, e sua compreensão sobre o tema e a resposta que obtivemos foi a seguinte:

Sim, conheço, na verdade acho que conheço. Eu li Emília Ferreiro, e a Psicogênese da escrita tratam justamente da origem de como eles conseguem adquirir a linguagem, a leitura e a escrita (Professora da turma).

Diante de sua resposta, percebemos que há um entendimento por parte da professora da turma acerca do que seria a Psicogênese com base nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999). Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que todo conhecimento possui uma

origem e que o código escrito representa um importante significado para quem está escrevendo. A partir disto questionamos a professora da turma se durante a sua graduação em Pedagogia ela estudou sobre a psicogênese da escrita e sua resposta foi essa:

Não lembro não, mas eu acho que não, na graduação, não. Eu conheci mesmo o tema por conta própria através de pesquisas na internet. (Professora da turma)

Com esta afirmativa por parte da professora da turma, podemos perceber que pouco ou nenhum professor na graduação apresenta o trabalho com a Psicogênese da escrita aos discentes, um dos motivos para que alguns professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental desconheçam a temática.

Durante as observações, com a percepção de que a professora da turma realiza os ditados psicogenéticos, perguntamos que meios ela utiliza para avaliar seus alunos, e a resposta foi:

Eu faço a avaliação através do ditado com duas palavras monossílabas, duas dissílabas, duas trissílabas, duas polissílabas e uma frase. (Professora da turma).

Diante de sua resposta, nos surgiu outro questionamento, qual a periodicidade em que ela realiza essas avaliações em forma de ditado. E sua resposta foi:

Realizo o ditado uma vez por mês, porém, no mês que você está vindo, eu não faço, já que você sempre me mostra os ditados deles (Professora da turma).

Como a professora da turma possui conhecimento sobre a Psicogênese da escrita e este conhecimento ela não viu durante sua graduação em Pedagogia e sim por meio de pesquisas, perguntamos se o tema já foi abordado nos cursos de formação continuada em que ela participa ou participou, e sua resposta foi:

Não, nunca participei de cursos de formação continuada que tratasse da Psicogênese (Professora da turma).

E mais uma vez, vemos que o tema não tem sido abordado diante de sua tamanha importância no meio do processo de alfabetização. Com relação à formação continuada Libâneo (2004) afirma:

Pela participação e gestão do trabalho escolar, os professores podem aprender várias coisas: tomar decisões coletivamente, formular o projeto pedagógico, dividir com os colegas as preocupações, desenvolver o espírito de solidariedade, assumir coletivamente a responsabilidade pela escola, investir no seu desenvolvimento

profissional. Mas, principalmente aprendem sua profissão. É claro que os professores desenvolvem sua profissionalidade primeiro no curso de formação inicial, na sua história pessoal como aluno, nos estágios, etc., mas é imprescindível ter-se clareza hoje de que os professores aprendem muito compartilhando sua profissão, seus problemas, no contexto de trabalho. É no exercício do trabalho que, de fato, o professor produz sua profissionalidade. Esta é hoje a idéia-chave do conceito de formação continuada. Colocar a escola como local de aprendizagem da profissão de professor significa entender que é na escola que o professor desenvolve saberes e as competências do ensinar, mediante um processo ao mesmo tempo individual e coletivo (LIBÂNEO, 2004, p. 34-35).

Com isto, podemos perceber que é dentro da escola que o professor constrói sua identidade e aprende sobre sua profissão. Em seguida, perguntamos a professora da turma se nas reuniões de planejamento que ocorrem coletivamente com a coordenação pedagógica é discutida a Psicogênese da língua escrita, e a resposta foi:

Algumas vezes sim, a gente discute sobre isso, porque tem muitos professores que são muito resistentes ainda a não aplicar vamos dizer assim, o ba, be, bi, bo, bu que acham que ele é a única forma de surtir alguma aprendizagem, mas a gente fala algumas vezes (Professora da Turma).

Assim, como relatado pela professora da turma, ainda há uma resistência muito grande por parte de alguns professores a utilizar este método, pois, a temática acerca da Psicogênese da escrita deveria ser mais abordada, tendo em vista que o professor precisa ter o conhecimento acerca do desenvolvimento de cada aluno para saber em que nível seu aluno se encontra. Cabe ainda ao professor pensar em possibilidades para o seu avanço mediante ao nível em que se encontra e, sobretudo de conhecer a criança.

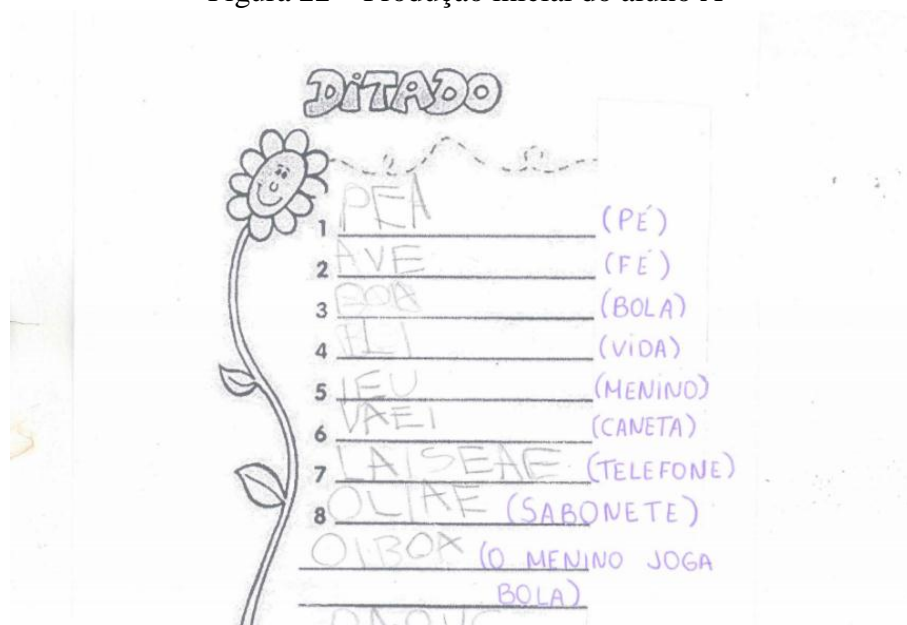
6.2 Diagnosticando os níveis da Psicogênese das crianças

Durante o processo de aquisição da língua escrita, a criança vai passando por várias fases podendo ter tanto, avanços como recuos até dominar por completo o código linguístico. Cada criança chega lá em seu devido tempo, este fato é individual, porém, acessível a interações sociais, podendo acontecer no ambiente escolar ou familiar.

A fim de diagnosticar os níveis das crianças assim que adentraram a turma de alfabetização no início do ano letivo, aplicamos o teste com a produção da escrita inicial com a turma, utilizando duas palavras monossílabas, duas dissílabas, duas trissílabas, duas polissílabas e uma frase.

A produção do aluno A foi a seguinte:

Figura 22 – Produção inicial do aluno A



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

O aluno A, de acordo com os níveis psicogenéticos de Ferreiro e Teberosky (1999), estaria no nível silábico, pois, ele já tem uma compreensão de que para se formar uma sílaba, utilizamos mais de um caractere, mesmo ainda misturando entre usar um, dois ou três caracteres para cada sílaba pronunciada.

Já de acordo com os níveis apresentados por Grossi (1990), esse aluno, apresenta características do nível pré-silábico II, pois, para ele, uma palavra só pode ser considerada palavra se tiver três letras ou mais, o que Grossi (1999) chamou de hipótese da quantidade mínima de letras.

Podemos observar essa hipótese, nas palavras (pé) e (fé), em que o aluno A em ambas escreve três caracteres, mesmo a palavra tendo apenas duas letras.

Na escrita da frase, o aluno, utilizou a letra inicial da frase “O”, em seguida, colocou a letra “I” que representa a palavra “menino” e por fim, escreveu “boa” que representa o objeto “bola”.

A aluna B, apresentou características parecidas com as do aluno A, como podemos observar na figura a seguir:

Figura 23 – Produção inicial da aluna B



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

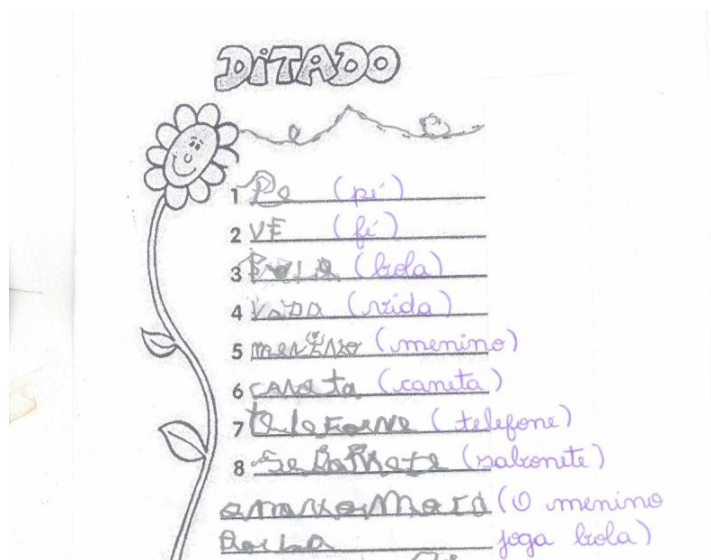
A aluna B, apresenta características da passagem do nível silábico para o nível silábico-alfabético segundo os níveis apresentados por Ferreiro e Teberosky (1999), pois, em algumas sílabas, ela consegue escrevê-las corretamente, como é o caso da palavra “bola”, ou a sílaba “vi” da palavra “vida”.

Já em outras palavras, ela ainda coloca vários caracteres acreditando que não se pode escrever uma palavra com menos de três letras da hipótese de quantidade mínima de letras estudada por Grossi (1990).

O aluno C, já no primeiro diagnóstico já apresentou nível de escrita alfabético, tanto pelos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), como pelos estudos de Morais (2012) e Grossi (1990).

Em sua produção inicial ele apresentou poucos erros na escrita das palavras ditas no ditado, como podemos observar a seguir na figura 24.

Figura 24 – Produção inicial do aluno C



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

O aluno C, escreveu corretamente as palavras: pé, bola, menino, caneta, e telefone, cometendo pequenos erros na escrita de palavras como “fé”, em que ele escrever “ve”, pois, essa fase, a criança ainda comete muitos equívocos ortográficos, e precisa vencer as barreiras da separação de palavras em uma frase ou até mesmo no próprio nome, tendo em vista que ele não separou seu nome do sobrenome na folha do ditado que cortamos para preservar sua identidade.

Esse aluno está começando à escrita também na letra cursiva, por isso, podemos observar que em sua produção ele escreve algumas letras em bastão e outras cursivas, sendo na maioria das vezes, as consoantes em letra bastão e as vogais cursivas.

Esse aluno, também superou a hipótese de quantidade mínima de letras, visto anteriormente pelos alunos A e B, pois ele já compreende que há palavras com menos de três letras, caso esse das palavras “pé” e “fé” utilizadas no ditado.

A aluna D, conforme os níveis apresentados por Ferreiro e Teberosky (1999), se encontra na fase de escrita pré-silábica, como veremos na figura 25.

Figura 25 – Produção inicial da aluna D



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

Esta aluna escreveu a primeira palavra do ditado (pé) corretamente, porque o colega da cadeira ao lado dela, deu a resposta, porém, nas outras palavras e na frase, ela apresentou as características referentes à sua fase na escrita.

Acreditamos que essa aluna esteja no nível de escrita pré-silábico segundo Ferreiro e Teberosky (1999), pois, ela não consegue perceber a correspondência da escrita com a língua falada. E segundo Grossi (1990), ela esteja no nível de escrita pré-silábico II, pois não utiliza menos de três letras para escrever uma palavra, como é o caso da palavra “fé”.

Na frase, ela apenas, copiou o nome ditado que há na folha, e na escrita de seu nome, a aluna D escreveu corretamente.

Já o aluno E, na primeira produção diagnóstica, apresentou características do nível de escrita silábico-alfabético segundo Ferreiro e Teberosky (1999) e o nível silábico segundo Grossi (1990), como podemos observar na próxima figura.

Figura 26 – Produção inicial do aluno E



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

O aluno E, já compreende que muitas vezes precisamos de mais de uma letra para se formar uma sílaba, também compreende que podemos escrever uma palavra utilizando apenas dois caracteres, ele não escreveu nenhuma palavra correta, porém, está se encaminhando para isso, na medida em que escreve a primeira sílaba correta de palavras como: “bo” de bola, “vi” de vida e “te” de telefone.

Com este primeiro teste, vimos que dentre os cinco alunos analisados, nenhum estava no primeiro nível de escrita segundo Grossi (1990), o pré-silábico I, no qual ela fala que nesta fase, as crianças tendem a escrever por meio de desenhos.

Todas as cinco crianças escreveram utilizando letras, então já há uma identificação das letras do alfabeto brasileiro, também, vimos à dificuldade na escrita da palavra “fê”, em que todos os cinco alunos, trocam a letra “f” pela letra “v”, por ambas terem um som parecido.

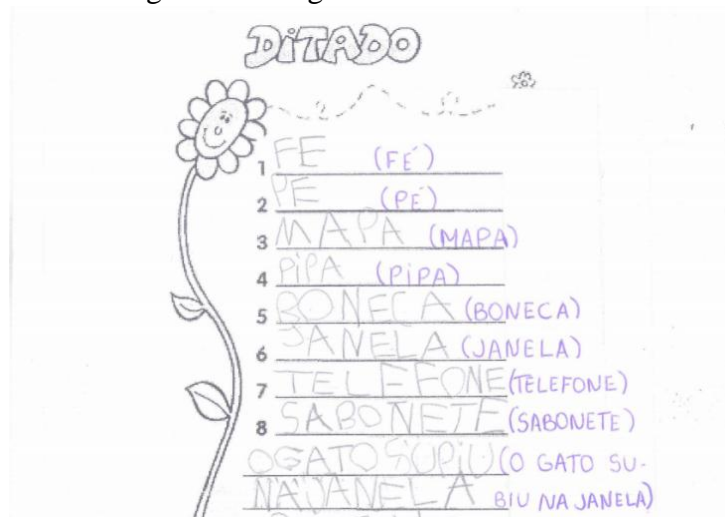
Nos testes diagnósticos realizados após esse primeiro, observamos algumas mudanças nas produções escritas das crianças, e nos níveis psicogenéticos, como apresentaremos a seguir no próximo tópico.

6.3 Mudanças apresentadas no processo de Alfabetização

Durante os testes psicogenéticos aplicados na turma, observamos avanços em todos os cinco alunos que escolhemos para fazer esta análise, todos avançaram em sua maneira, uns mais que outros, e é isto que veremos neste tópico.

Iniciaremos analisando as mudanças apresentadas pelo aluno A, que na produção inicial (Figura 22) estava no nível de escrita pré-silábico II de acordo com Grossi (1990) e no nível silábico de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), já na segunda produção, ele deu um salto e já aparece no nível alfabético, como podemos observar na figura a seguir:

Figura 27 – Segundo ditado do aluno A



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Como podemos observar, na segunda produção, o aluno A já se encontra no nível alfabético, ele escreveu as palavras do ditado corretamente, e sua única dificuldade foi na separação de palavras na escrita da frase, característica do nível alfabético.

Esse mesmo resultado se deu no terceiro e quarto testes aplicados, em que o aluno, escreveu as palavras corretamente, errando apenas alguns detalhes, e na frase não segmentou uma palavra da outra, como veremos nas figuras:

Figura 28 – Terceiro ditado do aluno A



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Figura 29 – Quarto ditado do aluno A



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Do segundo ditado para o quarto, não observamos evolução, ele alcançou o nível alfabético, porém, ainda comete pequenos equívocos na escrita de algumas palavras, e ainda não separa as palavras da frase, porém, houve evolução da produção inicial para a produção final.

O aluno B, no teste inicial (Figura 23) apresentou características da passagem do silábico para o silábico-alfabético no segundo estava assim:

Figura 30 – Segundo ditado da aluna B



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Na segunda produção em diante a aluna B conseguiu avançar para o nível alfabético, cometendo ainda pequenos erros, na palavra “fé” ela ainda confunde o som da letra “f” com a letra “v”, e também observamos que na palavra “janela”, a aluna escrever com a letra “g” no lugar da letra “j”, pois, ainda há algumas barreiras a serem quebradas, mesmo já estando na fase alfabética.

Na terceira produção da aluna B, ocorreram alguns equívocos cometidos por ela no segundo ditado como podemos observar a seguir:

Figura 31 – Terceiro ditado da aluna B

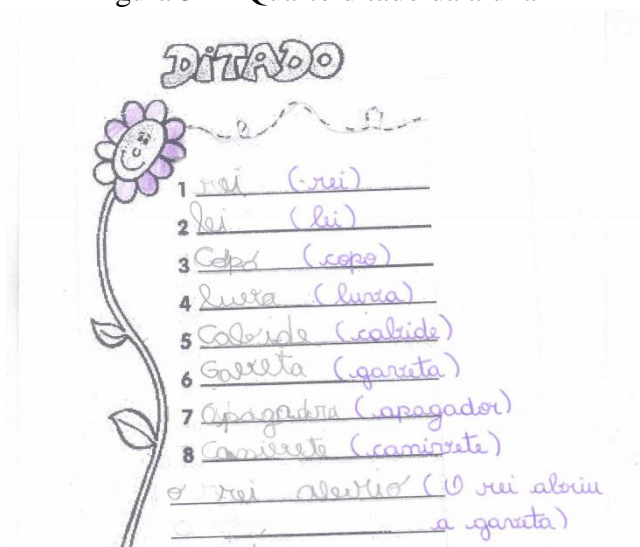


Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

A aluna B, continuou escrevendo “janela” com a letra “g” como no ditado anterior, também, não conseguiu completar a palavra “canivete”, e esqueceu-se da letra “r” no final da palavra “apagador”. Na frase, a aluna separou algumas palavras, e outras não, como podemos constatar esses pequenos equívocos fazem parte da fase alfabética.

No quarto e último ditado, a aluna B já conseguiu superar alguns equívocos do terceiro teste e outros não, como veremos na figura a seguir:

Figura 32 – Quarto ditado da aluna B



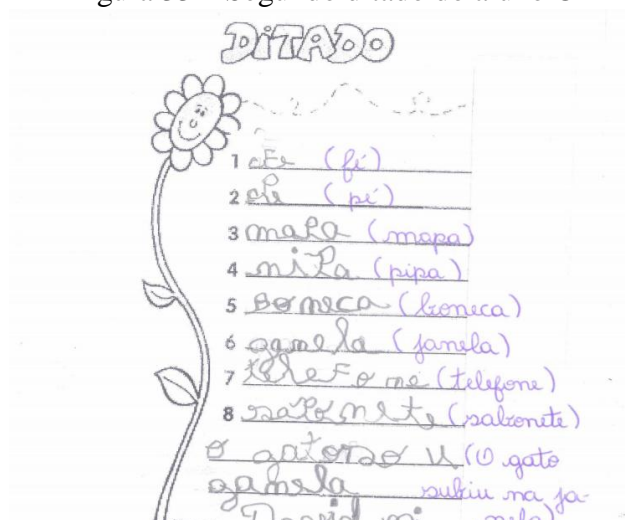
Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Na palavra “apagador” a aluna já consegue colocar a letra “r” ao final, que antes não conseguia, ela também completou a palavra “canivete” que não havia conseguido no terceiro teste, e na frase, ela não conseguiu completar ou não quis, porém, podemos perceber que ela já havia conseguido separar a letra “O” da palavra “rei” que antes tinha colocado junto sem a segmentação.

O aluno C, já iniciou o diagnóstico no nível alfabético, sua dificuldade era apenas na escrita de algumas palavras e na segmentação tanto da frase, como do seu nome, já que ele coloca sempre nome e sobrenome no final do ditado.

Podemos observar as produções do aluno C a seguir, em que colocaremos a segunda produção e a terceira juntas, para realizarmos um comentário só para ambas, tendo em vista a pouca mudança entre um teste aplicado e outro.

Figura 33 – Segundo ditado do aluno C



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Figura 34 - Terceiro ditado do aluno C



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No segundo ditado, o aluno C, já conseguiu escrever corretamente a palavra “fé” utilizando a letra “f” que no ditado inicial ele utilizou a letra “v”, porém, cometeu pequenos desvios, na escrita da palavra “pipa” que não sei se foi porque ele não sabia a escrita ou porque se distraiu no momento do ditado.

Tanto no segundo como no terceiro ditado apresentou erro na escrita da palavra “janela”, em que ele escreveu com a letra “g”, erro muito comum nos ditados realizados, mesmo o aluno já estando no nível de escrita alfabético.

Na frase, ele conseguiu separar algumas palavras, já outras ainda não, isso ocorreu também no terceiro teste, em que o aluno conseguiu realizar a separação de algumas palavras na frase já em outras houve dificuldade, porém, seu nome, ele conseguiu separar corretamente do sobrenome.

No quarto ditado, o aluno C, ainda cometeu pequeno equívocos como podemos constatar na figura a seguir:

Figura 35 – Quarto ditado do aluno C

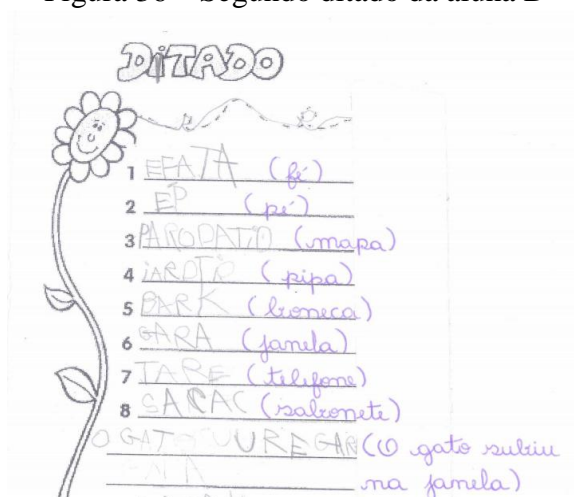


Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No último teste, o aluno C, separou a letra “a” do nome “apagador”, e na frase, conseguiu separar todas as palavras corretamente, errando apenas na escrita da palavra “abriu”. Sua evolução ocorreu na segmentação de frases.

A aluna D, estava na fase pré-silábica II de acordo com Grossi (1999) e na pré-silábica de acordo com Ferreiro e Teberosky (1990), no segundo e terceiro ditado não apresentou mudanças, como podemos observar nas figuras a seguir:

Figura 36 – Segundo ditado da aluna D



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

A aluna D, usou a letra inicial de algumas palavras, como em “boneca”, ela identificou que começa com a letra “b”, “telefone” com a letra “t”, “sabonete” ela identificou a sílaba “as” completa, talvez porque seja a sílaba inicial do seu nome. E o mesmo aconteceu no terceiro ditado (Figura 37), em que a aluna, inicia algumas palavras como “apagador” utilizando a letra “a”, “boneca” a letra “b”, em “canivete” ela escreve a letra “k” pelo fato da sílaba ter o mesmo som da letra.

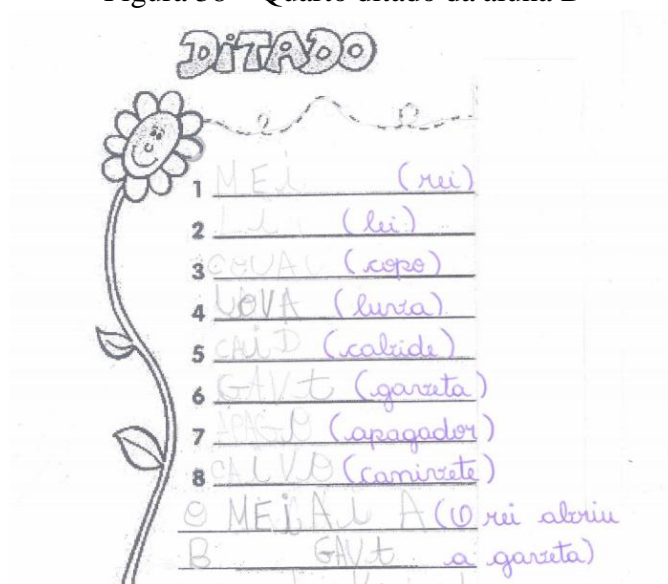
Figura 37 – Terceiro ditado da aluna D



Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora

Já no quarto e último teste, a aluna apresentou uma evolução, como observado na figura a seguir:

Figura 38 – Quarto ditado da aluna D



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Neste último teste, podemos perceber que a aluna passou do nível pré-silábico II, para o nível silábico, em que, ela começa a pensar numa ordem de letras para as palavras, utilizando muitas vezes uma única letra por sílaba, como na palavra “gaveta” que ela utiliza a letra “v” e “t” para representar as sílabas “ve” e “ta”. E na escrita de frase, se utilizar de uma letra para cada palavra.

Por fim, o aluno E, iniciou apresentando características do nível silábico-alfabético, e ao final dos testes estava no nível alfabético.

Figura 39 – Segundo ditado do aluno E

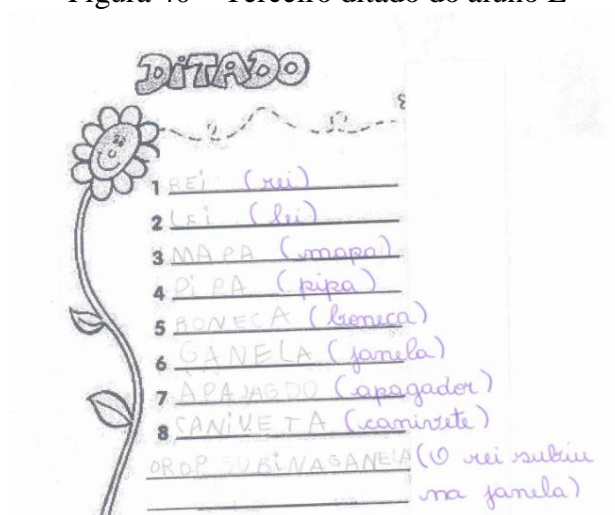


Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No segundo ditado, o aluno E, escreveu corretamente as duas primeiras palavras “fé” e “pé”, porém, em palavras como: “mapa”, “pipa”, “Janela”, “telefone” e “sabonete”, ele não chegou perto da escrita correta. Na palavra “boneca”, ele usou a letra “k” para representar a sílaba “ca”, talvez, essa falta de interesse que houve na escrita ocorreu por que o aluno queria pintar a flor que foi colocada na folha do ditado, e por tanto, acreditamos que ele não tenha prestado atenção nas palavras ditas.

No terceiro teste, o aluno E já estava no nível de escrita alfabética, em que ele escreveu quase todas as palavras de maneira correta como podemos constatar, na figura 40 a seguir:

Figura 40 – Terceiro ditado do aluno E



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

O aluno escreveu corretamente quase todas as palavras, trocando apenas o “j” pelo “g” na palavra “janela”, e nas palavras “apagador e canivete” trocou algumas letras, pelo fato da palavra ser grande.

Na frase, o aluno, separou algumas palavras e outras não, além de pequenos erros nas palavras, “janela” e “rei”.

Figura 41 – Quarto ditado do aluno E



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No quarto e último teste, o aluno cometeu pequenos erros bem como no terceiro, na palavra “gaveta”, ele colocou apenas a letra “v” para representar a sílaba “ve”, não completou a palavra “apagador”, e colocou a sílaba “ti” no lugar de “te” na palavra “canivete”, pequenos erros que ainda precisam ser superados na fase alfabética.

Reafirmamos a evolução nos cinco alunos escolhidos para a análise de suas produções, isso se deu, muito pelo trabalho em que a professora da turma vem realizando e que podemos identificar a seguir no próximo tópico.

6.4 Possibilidades de atividades para o trabalho com a Psicogênese no Ciclo de Alfabetização

O professor tem o papel de mediador no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, para ele trabalhar em busca do desenvolvimento de seus alunos, primeiro se faz necessário que ele saiba em que nível cada um se encontra para então buscar avançar por meio de atividades.

Para sugerir as atividades propostas, buscamos saber com a professora da turma, como ela trabalha com a Psicogênese da escrita em sala de aula, e a resposta que obtivemos foi a seguinte:

Eu trabalho através da leitura na produção de textos abordando geralmente a palavra, a rima, a separação de sílaba, uma palavra dentro da outra, como eles conseguem encontrar uma palavra dentro da outra e nunca eu trabalho, muito difícil eu trabalhar o ba, be, bi, bo, bu, o pa, pe, pi, po, pu, só se for muito, assim, a gente ver que aquela criança não consegue de nenhuma outra forma, aí é que eu parto para essa outra alternativa, mas, geralmente eu trabalho a leitura e a escrita abordando sempre a rima, a separação de sílaba, uma palavra dentro da outra, geralmente nesse sentido. (Professora da Turma)

Nos dias em que estivemos fazendo as observações, pudemos confirmar essa fala da professora da turma, no que diz respeito a seu trabalho abordando a leitura e produção de texto em sala de aula. Porém, não a observamos em nenhum momento a utilização do método de cartilhas tradicionais de alfabetização.

A fala da professora da turma evidencia que ela se baseia no estudo da Psicogênese da escrita em sala de aula, que segundo Ferreiro (1995):

O conhecimento da evolução psicológica do sistema de escrita por parte dos professores, psicólogos e avaliadores é imensurável para avaliar os progressos das crianças, e mais importante ainda, para “ver” sinais da alfabetização ainda não observados (FERREIRO, 1995, p.32).

Por essa razão, ela avalia os alunos periodicamente a cada mês, após, a resposta dada pela professora da turma, em relação a como ela trabalha com a Psicogênese, perguntamos a mesma quais as dificuldades que ela encontra para desenvolver as atividades em sala de aula enquanto professora alfabetizadora. A resposta foi a seguinte:

Em relação a esse tema eu encontro muita dificuldade com os autistas, com as outras crianças não, eu acho que os autistas a gente precisa ter um olhar melhor em relação a isso, porque eu acho que precisa ter a compreensão de como eles adquirem se é da mesma forma que as outras crianças e que se realmente dessa forma surte algum efeito, algum resultado que ainda não consigo entender se sim ou se não, porque o autista que eu tenho aqui na sala o aluno F, ele se recusa a fazer as atividades, então eu não consigo saber se ele está compreendendo da mesma forma que os outros, andando da mesma forma, porque sempre eu trabalho nessa linha de fazer leitura, produção de textos, produção explorando as palavras dentro de um texto, explorando rimas, explorando uma palavra dentro da outra ou a construção mesmo da palavra, para eles compreenderem como se dá a leitura e a escrita sem precisar do ba, be, bi, bo, bu. Mas no caso dos autistas eu realmente sinto muita dificuldade (Professora da Turma).

O aluno F em questão que a professora relatou sentir dificuldades em realizar atividades com ele, esteve presente em três dos quatro ditados aplicados, porém, só fez um deles, pois, não queria fazer nos outros dias. Ele costuma ler, sempre está com um livro de literatura infantil nas mãos durante as aulas, nas atividades de leitura ele costuma ser bastante participativo, porém, nas de escrita, ele prefere não fazer.

Em seguida perguntamos a professora da turma, como ela faz para trabalhar com os alunos que estão em diferentes etapas da escrita, por exemplo: um aluno escrevendo por meio de desenho e outros já utilizando letras soltas, e a resposta foi:

Especificamente nessa sala de aula a gente está fazendo a abordagem diferente, vai começar a fazer uma abordagem diferente, porque eu estou vendo níveis assim como você ver no ditado né, têm umas 10 crianças que já estão conseguindo enquanto outras ainda não e aí o que é que a gente vai fazer, a gente vai trabalhar em grupos, mas a gente não vai mesclar o grupo colocando uma ou outra pessoa e vai tirar estes grupos da sala e vai fazer um trabalho mais individual com estes que ainda estão na fase pré-silábica ou na silábica, e aí a gente vai tirar esses grupos e vai fazer um trabalho com um grupinho menor para ver se eles conseguem andar, porque o 2º bimestre já está acabando, então, a gente espera que até o 4º bimestre, essas crianças acompanhem, esteja já no nível alfabético, porém, como eles ainda não estão a gente vai fazer esse trabalho mais individualizado. (Professora da Turma)

No dia em que realizamos a entrevista semiestruturada, um pouco antes, a professora em conversa com os alunos, falou que na semana seguinte tiraria um grupo da sala, para fazerem atividades em outra sala com outra professora. Então surgiu a pergunta se essa seria a nova abordagem que ela relatou em sua resposta. Ou seja, uma atividade realizada fora da sala de aula e com outra professora. Ela respondeu:

Sim, a gente vai trabalhar jogos de palavras, aqueles jogos que vieram do governo, umas caixinhas com palavras para trabalhar com eles. (Professora da Turma)

E a última pergunta que fizemos a professora da turma na entrevista foi como que ela desenvolve as atividades em sala de aula levando em conta a etapa de escrita dos alunos e se são atividades diferentes para cada nível. A sua resposta foi:

Não, não são atividades diferentes, pelo menos nesse início não, é a mesma atividade e aí independentemente do nível em que estão eu vou explorando de forma diferente com cada aluno, tem aluno que vai fazer a leitura da palavra, tem outros que vai fazer da frase, tem outro que vou perguntar para ele identificar as letras, o som, eu utilizo a mesma atividade, porém, abordo com eles, como já conheço cada um, eu abordo de forma diferente (Professora da Turma).

Mesmo realizando a mesma atividade para todos os alunos independentemente do nível, a professora da turma busca cobrar de cada aluno de acordo com a fase de aprendizagem em que ele se encontra. Com base nas falas da professora por meio da entrevista semiestruturada, propusemos algumas atividades para se trabalhar com cada nível de aprendizagem dos alunos.

As atividades propostas neste subtópico foram trabalhadas com base nos livros: Didática dos Níveis Pré-silábicos, Didática do Nível Silábico e Didática do Nível alfabético, da autora Esther Pillar Grossi.

É de suma importância no processo de ensino, o professor fazer uma ligação entre as áreas do conhecimento, não é porque quando se pensa em leitura e escrita vem logo à ideia que se trata exclusivamente da disciplina de Língua portuguesa que o professor só utilizará a

mesma, se faz necessário, atividades de outras áreas do conhecimento para que possa trabalhar de maneira interdisciplinar.

O educador deve dominar os níveis de alfabetização, de maneira a proporcionar atividades desafiadoras, instigantes e que sejam condizentes a cada nível, pois, se as atividades não forem pensadas para cada nível, o nível de maturação da criança não será elevado e o professor, não obterá resposta positiva.

Dito isto, trataremos inicialmente de atividades que são importantes para propiciar a passagem dos níveis de escrita pré-silábico para o nível de escrita silábico.

Para iniciar a escrita da criança, uma alternativa para professores é começar pelas letras do próprio nome, GROSSI (1990, p. 83) afirma que “as crianças falam das letras iniciais de seu nome, passando por um período em que pensam essa letra ser só sua, a sua identidade”.

A partir do momento que elas começam a perceber que aquela letra inicial do seu nome não é só sua, que há outras pessoas com o nome iniciado pela mesma letra inicia-se o reconhecimento sonoro das letras. Atividades neste nível que envolva os seus nomes são importantes, como por exemplo, a localização do seu nome escrito em crachás (Figura 5), bingos, dominós e entre outros, estimulando a identificação.

Outra atividade para este nível se trata da criação de histórias, o professor pode pedir que os alunos desenhem algo de sua imaginação, em seguida pedir para que eles relatem a história daquele desenho, essa atividade relaciona o escrito ao oral. Este desenho também pode entrar na disciplina de artes.

Na matemática, pode-se trabalhar também com o nome do aluno, pedindo que ele registre a quantidade de caracteres presentes em seu nome, fazendo atividades de comparação (nome maior ou menor).

Para a passagem dos níveis pré-silábicos para o silábico, em sala de aula, o professor, deve escolher palavras, conceitos, que façam parte do cotidiano da criança, para viabilizar a sua estabilidade na escrita, ou seja, nas atividades em primeiro plano, iniciar com palavras, por exemplo: bola, casa, boneca, entre outras, que são palavras em que eles mantêm contato e após esse primeiro momento apresentar palavras mais complexas.

É importante que o professor em sua prática, apresente aos alunos, diversas palavras que iniciam com a letra inicial do nome de cada um deles, bem como se faz nos níveis silábicos, para que, compreendam que aquela letra pode fazer parte de qualquer palavra e pertencer a qualquer nome de outras pessoas.

Uma atividade que o professor pode desenvolver é pedir para que os alunos completem a letra inicial da palavra, por exemplos: _ola para bola e _asa para casa e assim

sucessivamente. O professor também poderia falar uma letra e pedir para a criança escrever palavras a partir desta letra, exemplo: letra t, a criança escreve tatu, terra e etc.

Essa atividade descrita acima além de trabalhar com a disciplina de língua portuguesa o professor pode usar de outras disciplinas, como por exemplo: o ensino de ciências, utilizando de nomes de animais estudados na aula.

Já na matemática, há várias atividades e brincadeiras, uma delas se trata da conhecida amarelinha (Figura 13), no qual é desenhado até mesmo no chão com números que poderão ir até o 10 e as crianças jogam uma pedrinha de um em um até chegar no último número que é o de maior valor na brincadeira, essa atividade está associada a sequência numérica. Essa atividade também está associada a disciplina de Educação física, uma vez que, envolve movimento, participação coletiva e brincadeira.

O professor deve proporcionar a interdisciplinaridade, ou seja, em uma atividade, estimular as múltiplas aprendizagens, de acordo com Ferreira e Santos (2017, p. 1) “A Educação Física tem como objetivo trabalhar a cultura corporal do movimento. Entretanto, pode contribuir de forma direta no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, de forma interdisciplinar com as outras disciplinas”.

Por fim, na passagem do nível pré-silábico para o alfabético, é importante que o professor desenvolva muitas atividades ligadas à leitura, escrita e interpretação de texto de forma a não considerar erros ortográficos ou de pontuação cometidos pelos alunos, mas a lógica dada por cada criança, ou seja, compreender o que a mesma queria dizer em seu processo lógico.

Neste nível, como já mencionamos, as crianças enfrentam muitos questionamentos com relação aos equívocos ortográficos. Faz-se importante que o professor busque encorajar os alunos a querer fazer, independente de equívocos, aproveitar de situações ao longo do ano para motivar os alunos nas atividades além de respeitar e valorizar as produções dos alunos, sem a necessidade de se fazer correção ou modificação.

É importante, atividades de leitura e escrita, visando à produção de texto, sejam esses recontos de histórias lidas pelo professor ou algo do dia a dia do aluno, reescrita de músicas, receitas ou até mesmo a sequência de brincadeiras que eles gostam. Na matemática, poderá pedir atividades de escrita do nome dos números, enfim, atividades diretamente ligadas à escrita.

É importante que ao selecionar os conteúdos a serem ministrados, refletir quais conteúdos são válidos na vida prática dos alunos, ou seja, conteúdos do dia a dia, como por

exemplo: espaço, localização, dentro outros aspectos. Além dessas atividades citadas acima, é aconselhável que acima de tudo o professor ouça sugestões de seus alunos.

Por meio da psicogênese da língua escrita o professor pode diagnosticar possíveis falhas em sua atuação, de maneira a propor atividades condizentes a cada nível de escrita e principalmente, compreender que cada aluno tem a capacidade de se desenvolver, desde que, haja interesse e motivação, para que de fato a aprendizagem ocorra, ou seja, não é pressionar o aluno a aprender de forma aligeirada, mas compreender os possíveis déficits que ele apresenta.

Outro aspecto importante, diz respeito ao professor compreender que aprendizagem significativa é articular o conhecimento prévio dos alunos aos conhecimentos aprendidos na escola, ou seja, ater-se a como construir enunciados de fácil compreensão, não muito contextualizados, nas questões utilizar imagens, objetos, desenhos, que façam parte do cotidiano das crianças, uma vez que, as atividades devem ser pensadas para os alunos.

Desse modo, cabe ao professor, também, desenvolver objetivos coerentes, pois, muitas vezes o professor utiliza nome de frutas, objetos que as crianças não conhecem, tornando assim, a assimilação mais complicada, devendo ampliar seus conhecimentos sobre os gostos dos alunos, ou seja, se inteirar no mundo deles trazendo palavras dessa realidade. A seguir teceremos as nossas considerações finais sobre o estudo realizado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fase da alfabetização é uma das principais etapas na vida do aluno, pois, nela que é dado o início da construção de novas aprendizagens que envolvem o sistema de apropriação da leitura e da escrita.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender qual a contribuição da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita de crianças no processo de Alfabetização. E como objetivos específicos, buscamos: revisar os estudos que fundamentam a Psicogênese e Alfabetização; diagnosticar os níveis que as crianças apresentam nos testes da psicogênese em uma avaliação inicial, intermediária e final; identificar as mudanças apresentadas pelos alunos durante o processo de Alfabetização; e propor atividades para o professor trabalhar com a Psicogênese dos alunos no ciclo de Alfabetização.

Partindo dos objetivos, buscamos como questão geral compreender qual a contribuição da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita de crianças no processo de Alfabetização? E como questões complementares: como tem se apresentado os estudos sobre a Psicogênese e Alfabetização?; quais os níveis que as crianças apresentam nos testes da psicogênese em uma avaliação inicial, intermediária e final?; quais as mudanças apresentadas pelos alunos durante o processo de Alfabetização?; e como o professor pode trabalhar com a Psicogênese dos alunos no ciclo de Alfabetização?

A metodologia utilizada foi de abordagem de pesquisa qualitativa, por meio de trabalho de campo realizado na escola no ano de 2019, através de estudos de casos da turma do 1º ano da Escola de Educação Básica. Os instrumentos de geração de dados foram: observação participante, testes da Psicogênese e entrevista semiestruturada.

Vimos que outros autores além de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) vêm contribuindo para os estudos sobre psicogênese da escrita no campo da alfabetização. Trazendo novos olhares sobre perspectivas atuais no mundo tecnológico em que estamos vivenciando.

Verificamos os níveis apresentados pelas crianças nas avaliações, em que na avaliação inicial dos cinco alunos, apenas um se encontrava no nível de escrita alfabético, enquanto os outros ainda estavam em outros níveis.

Pudemos constatar as mudanças apresentadas por esses alunos ao longo dos ditados realizados, em que ao final da pesquisa dos cinco alunos, quatro alcançaram a etapa de escrita alfabética.

Vimos também possibilidades de atividades em que o professor alfabetizador pode trabalhar em sala de aula a fim de desenvolver a escrita das crianças, por meio de jogos educativos, leituras e atividades multidisciplinares.

A escola em si, a professora da turma e os alunos forma bastante receptivos, o que de fato contribuiu para a realização da nossa pesquisa. Os ditados foram realizados de modo que não atrapalhasse com o andamento das aulas da professora, ocorrendo tudo da maneira em que planejamos no início.

Essa pesquisa não chegou ao fim, à temática é de grande relevância para pensar acerca da alfabetização mudando o enfoque do que o professor está ensinando para o que o aluno está aprendendo em suas vivências dentro e fora da escola. O tema é amplo e pode ser trabalhado em outras possibilidades.

Observamos que na sala de aula, a professora da turma utiliza de atividades diárias envolvendo leitura de livros de literatura infantil e escrita com os alunos, este trabalho é de suma importância para que os alunos possam ter contato com diferentes possibilidades de ler e escrever.

Outro ponto que pudemos perceber na fala da professora da turma durante a entrevista semiestruturada foi que nos programas de formação continuada em que ela esteve presente este assunto não foi visto, e nem em sua formação como pedagoga, que é um fato preocupante, uma vez que o professor é mediador de conhecimentos em sala de aula, esta temática deveria ser mais abordada para que juntos, possam trocar experiências.

Além, do preparo do professor para o conhecimento acerca da Psicogênese da escrita, também se faz necessário um trabalho do professor e de profissionais das escolas para lidar com as diferenças, tendo em vista que as maiores dificuldades da professora da turma e nossa enquanto pesquisadora foi como realizar a atividade com o aluno que tem autismo. Como saber se ele está compreendendo o que está sendo estudado se ele não aceita fazer as atividades propostas.

Essas são algumas questões a se pensar, e em que tivemos dificuldades na realização deste trabalho. Entretanto, este estudo só reforçou a significância desta temática no meio educacional, e como ela precisa ser mais abordada no meio pedagógico.

Portanto, acreditamos que esta pesquisa contribui para os professores que atuam na classe de alfabetização, bem como alunos do curso de Pedagogia quem tenham o interesse pela área da alfabetização, a fim de realizar o trabalho com a Psicogênese da Língua Escrita com os alunos em suas salas de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRE, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192> < acesso em 10 de março de 2019.

BRASIL, **Avaliação Nacional de Alfabetização**. Disponível em: <<http://ana.inep.gov.br/ANA/>> Acesso em 10 de março de 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**. Ano 01: Unidade 01. Currículo na alfabetização: concepções e princípios: Brasília: DF, 2012a.

BRASIL, **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>> Acesso em 11 de agosto de 2019.

CABRAL, Scliar. Princípios do uso do sistema alfabético na língua portuguesa do Brasil, 1998. In. MACEDO, Celina Ramos Arruda. **Uma reflexão sobre os conceitos:** letramento, alfabetização e escolarização, 2003.

CARVALHO, Maria, E., P. **Pesquisa aplicada à educação**. Pedagogia a distância. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999.

FERREIRA, Gomes; SANTOS, Juraci Pessoa. **Jogos de construção interdisciplinar nos anos iniciais**. RELEM – Revista Eletrônica Mutações, UFAM. Amazonas. p. 1- 3. 2017.

FERREIRA, Layla Carolliny Araújo. **O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) na visão de professores alfabetizadores** / Layla Carolliny Araujo Ferreira. – João Pessoa: UFPB, 2017.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. Currículo e avaliação. In: Brasil, Ministério da Educação. **Indagações sobre currículo:** currículo e avaliação, 2011.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. Avaliação da aprendizagem não é medida. Reprovação não garante qualidade. In: Tv escola. **Concepções e práticas de avaliação no ciclo de alfabetização**. 2013.

- FERREIRO, Emília. Educação e Ciência. **Folha de S. Paulo**, 3 jun. 1985, p. 14.
- FERREIRO, Emília. **Leitura e Alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GEEMPA. **Alfabetização em classes populares**. 2 ed. Porto Alegre: Kuarup, 1986.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acessado em 01 de setembro de 2019.
- GODOY, A. S.. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- GROSSI, Ester Pillar. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GROSSI, Ester Pillar. **Didática do nível pré-silábico**. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, volume 1, 1990.
- GROSSI, Ester Pillar. **Didática da alfabetização do nível silábico**. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, volume 2, 1990.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. Goiânia, Editora Alternativa, 2004.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- Maciel, Karem. **O trabalho docente com a psicogênese da língua escrita no ciclo de alfabetização** / Karem Maciel. – João Pessoa: UFPB, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- MOREIRA, Aline; VICENTE, Luciana; MARASCHIN, Maria Lucia Marocco. **Ambientes alfabetizadores e suas contribuições ao processo de Alfabetização**. Chapecó. 2017.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Presença Pedagógica. v.9. n.52. jul/ago, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três Gêneros. 2.ed. 3.reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Elaine Eliane Peres de. **A formação continuada do professor alfabetizador nos cadernos do pacto nacional pela alfabetização na idade certa (PNAIC)** / Elaine Eliane Peres de Souza ; orientador, Patricia Laura Torriglia ; coorientador, Lilane Maria de Moura Chagas. - Florianópolis, SC, 2014.

SOUZA, Renata Junqueira De; COSSON, Rildo. **O cantinho da leitura como prática de letramento literário** – Revista Educar, v. 34, n. 72, p. 75-109, nov/dez. Curitiba, 2018.

UFPB, **Escola de Educação Básica - EEBAS**. Disponível em: <<http://plone.ufpb.br/eebas>>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

UFPB, **Repositório Eletrônico Institucional (REI)**. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/>> Acesso em: 22 de julho de 2019.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. Ladermos Libertad-1. 7º ed. São Paulo, 2000.

APÊNDICA A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

1. Como se organiza a sala de aula?
2. Como é o ambiente alfabetizador?
3. Como funciona a rotina da sala de aula?
4. Qual a relação da professora da turma com os alunos?
5. Quais as atividades realizadas na sala de aula? Elas levam em conta o nível de aprendizagem de cada aluno?
6. Todos os alunos participam das atividades?
7. Quais os materiais utilizados durante as aulas?
8. Em quais níveis de escrita os alunos de encontram?
9. A professora da turma conhece em que nível os alunos se encontram?

APÊNDICA B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome: _____

Formação: _____

Série: _____ Turno: _____ Quantidade de alunos: _____

Tempo de atuação nesse ano: _____

Tempo de atuação na escola: _____

1. Conhece a psicogênese, sabe o que se trata?
2. Qual sua compreensão sobre o tema?
3. Estudou sobre a psicogênese durante a graduação?
4. Que meio você utiliza para avaliar os alunos?
5. Você já participou de cursos de formação continuada que abordasse a psicogênese da língua escrita?
6. Como você trabalha com a psicogênese em sala de aula?
7. Quais as dificuldades que você encontra para desenvolver atividades em sala de aula enquanto professora alfabetizadora?
8. Nas reuniões de planejamento na escola você discute com a coordenação pedagógica sobre a Psicogênese da língua escrita?
9. Como você faz para trabalhar com os alunos que estão em diferentes etapas da escrita?
Tipo, um aluno escrevendo por meio de desenho e outros já utilizando letras soltas?
10. Como são desenvolvidas as atividades na sala de aula levando em conta a etapa da escrita que os alunos estão? São atividades diferentes?

APÊNDICE C – BREVE CURRÍCULO DA AUTORA

MARCELA DE MENEZES SILVA

Nascida e criada na capital paraibana, mora na cidade de João Pessoa – PB. Concluiu o Ensino Médio no ano de 2014 na Escola Estadual Lyceu Paraibano. Ingressou no curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba no período de 2015.2. No ano 2017 participou do programa aluno apoiador, em que apoiou um aluno Deficiente visual, no mesmo ano, iniciou estágio não supervisionado em uma Instituição Filantrópica na cidade de João Pessoa, tendo encerrado o contrato no ano de 2019.

Durante seu percurso na universidade, participou de alguns cursos presenciais e a distância, os cursos realizados foram:

- Educação Especial
- Alfabetização: Infância e Diversidade
- Práticas de Lazer e Recreação